

REVISTA MENSAL
ANO 102 R\$ 2,50

Ave

NOVEMBRO 2000

MARIA



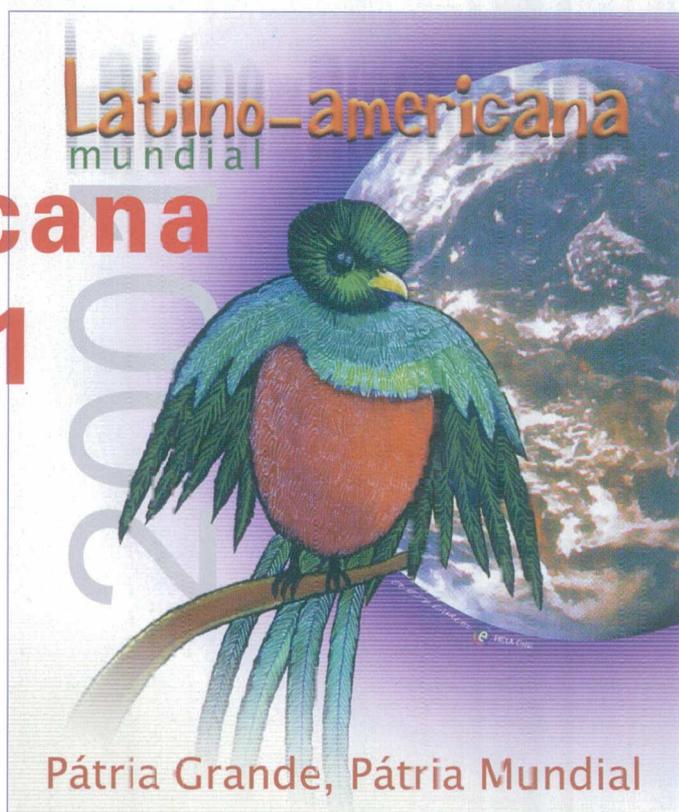
Voar é preciso!...

Agenda latino-americana mundial 2001

A grande novidade da Agenda, neste primeiro ano de um novo milênio, é querer tornar-se mundial. Não por oportunismo, mas para responder aos “sinais dos tempos”, o que é uma ordem do próprio Jesus de Nazaré.

É exigência de qualquer sociologia, desejosa de respeitar a realidade; essa famosa, iniludível e dura, talvez, realidade, mas que nos condiciona e norteia para a ação. O mundo está se fazendo uno. Para o bem e para o mal. Infelizmente, essa unidade está sendo construída pelo poder do dinheiro e das armas e pela submissão da política a esses dois poderes. Unidade mundial neoliberal, de mercado, que privilegia a maioria dos senhores do mundo e exclui a imensa maioria dos pobres.

Temos repetido que, na América Latina, sobretudo nas horas mais decisivas, ou nos salvamos continentalmente, ou continentalmente afundamos. Agora, temos de dizer com rea-



lismo que não se pode desmentir a esperança. Ou nos salvamos mundialmente, ou mundialmente afundamos. Ninguém, país nenhum podem se salvar isoladamente. Hoje, mais do que nunca, ninguém é uma ilha. O mundo não é somente o meu país: eu sou eu e o mundo.

AGENDA LATINO-AMERICANA MUNDIAL 2001
PEÇA JÁ A SUA POR TELEFONE. LIGUE A COBRAR (90 __ 11) 3666-0582.
PREÇO UNITÁRIO R\$ 11,00, MAIS O PORTE.



É a obra do gênero mais difundida, a cada ano, dentro e fora do continente. Um anuário de esperança dos pobres do mundo, a partir da perspectiva latino-americana. Um manual pessoal para se ir criando a “outra mundialidade”. Uma antologia de solidariedade e criatividade. Uma ferramenta pedagógica para a educação, a comunhão, a ação social ou a pastoral populares. Da Pátria grande até a Pátria Maior.

Você pode adquirir as Agendas latino-americanas nas principais livrarias do país, todas fornecidas pela distribuidora Loyola, livrarias Ave Maria, revista Sem Fronteiras e Grupo Solidário São Domingos.

Venda eletrônica:

www.loyola.com.br
www.avemaria.com.br
www.alomundo.com.br

vendas@loyola.ccm.br
avemaria@avemaria.com.br
sf@alomundo.com.br



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares.

Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal

1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria.

Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP

- Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do

ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque

pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado

em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das

cidades é visitada por nossos representantes, que

renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as

renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 20,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Anselmo Pereira Almeida, MG; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Nildo Lopes de Andrade, Norte do Paraná, PR; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Roselene C.S. Ruy, Piracicaba, SP; Juarez Nicodemus Gonçalves, Baurú, SP; Andreia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP;

Prezado(a) assinante,

Para seu conforto, caso mude de endereço, pedimos a gentileza de comunicar ao nosso departamento de assinaturas pelo

0800-555-021

(ligação gratuita).

Voar é preciso!...

Todos sabemos que a morte é um acontecimento inevitável. Porém, viver em plenitude, feliz, conforme o desejo de Jesus Cristo, faz-nos ver na morte a ponte para a paz, o amor absoluto de Deus.

O cristianismo é uma religião, cuja fé se baseia na ressurreição de Jesus Cristo. Assim sendo, a morte deixa de ser um ponto final, mas passagem, páscua, no sentido bíblico. Um vôo para a liberdade absoluta.

O Dia de Finados, para quem tem fé, deveria ser chamado de o dia dos iniciados à comunhão plena com Deus, de viagem para o encontro com a família que já temos no céu. Estaríamos, então, mortos para o mundo do desamor, da injustiça e da finitude para sermos santos em Deus, possuidores de vida eterna. É um mistério de fé.

Jesus é sempre lembrado nos evangelhos pelo bem que ele fez e viveu, pela boa notícia estampada no olhar de quem era cego, no ouvir atento de quem era surdo, no andar seguro de quem era paralítico, na alegria e ânimo renovados de quem era desgraçado. Essas manifestações objetivas, mas reais, do bem e de vida renovada, renunciavam a ressurreição de Jesus, úni-

co, suficiente e grande sinal de vida eterna, deixado por Cristo para nossa livre opção. Na ótica cristã, a vida e a morte são vistas como um convite para que nos lembremos do bem que nossos queridos falecidos fizeram a nós e aos outros. Para não nos esquecermos de que as boas obras feitas por eles já eram sementes de ressurreição.

A saudade é um sentimento do bem de verdade que recebemos de nossos queridos e que, embora falecidos, ainda existe em nós.

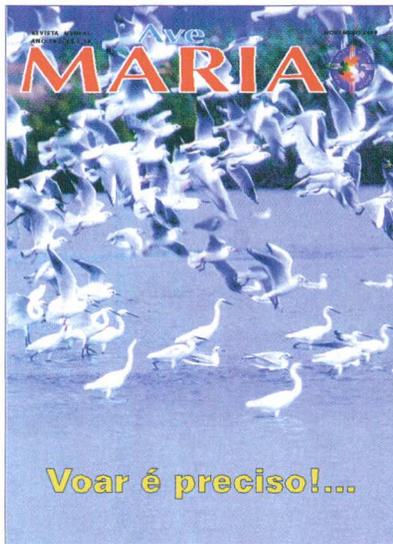
Com um jeito muito simples, Jesus conforta os discípulos, dá-lhes segurança e firmeza na fé, e explica como será depois da morte: *Não se perturbe o vosso*

coração! Na casa do meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar, virei novamente e vos levarei comigo a fim de que, onde eu estiver, vós estejais também (Jo, 14,1-3).

Sem medo de um futuro certo, tendo por companheiro o próprio Jesus Cristo e outros tantos e tantos que conhecemos, seremos mais livres desde já, e não nos apegaremos a tantos bens materiais, riquezas, aparências, faustos, etc.

Voar é preciso... Buscar as coisas do alto. Porque o nosso Deus é o Altíssimo (cf. Gn 14,18).

P.C.G.



Contra os armamentos



Fotos: arquivo

Genebra (Suíça), 15/9. De 11 a 15 de setembro, realizou-se, em Genebra (Suíça), a 2ª Assembléia dos Estados participantes da “Convenção sobre a interdição do uso, do armazenamento, da produção e da transferência das minas anti-homem e sobre a sua destruição”. D. Giuseppe Bertello, chefe da Delegação da Santa Sé e Observador Permanente junto às Nações Unidas e das Instituições especializadas, naquela cidade, pronunciou um discurso, destacando que “as minas não fazem qualquer distinção entre as suas vítimas. Elas não constituem apenas uma ameaça para a vida dos combatentes, mas põem também em perigo toda a população civil de um país. O uso e o comércio dessas armas vão contra o direito ao desenvolvimento, porque o solo minado é subtraído ao trabalho agrícola — que representa um elemento essencial das economias dos países em vias de

desenvolvimento onde se recorre sobretudo a este armamento... Em certo sentido, a situação torna-se ainda mais crítica no período após o conflito, porque os países pobres não dispõem dos meios necessários para eliminar as minas dos campos que, de resto, são necessários para retornar a economia e satisfazer o direito que a população tem à alimentação”.

Expressou a Santa Sé o desejo de incentivar a prática de uma cooperação eficaz nos campos das finanças, da tecnologia e dos recursos humanos.

Diálogo entre as Igrejas

Vaticano, 18/9. João Paulo II recebeu em audiência, nesta data, os membros da Comissão Mista Internacional de Diálogo entre católicos e a Aliança Mundial das Igrejas Reformadas. Durante aquele encontro, realizado em sua Biblioteca particular, o Papa disse que “o diálogo teológico é a melhor modalidade para enfrentar juntos as questões sobre as quais os cristãos estiveram divididos e para edificar a unidade à qual Cristo chama os seus discípulos. Nesse diálogo, esclarecemos as nossas respectivas posições e examinamos os motivos das nossas diferenças. O nosso diálogo torna-se,

então, um exame de consciência, uma chamada à conversão, na qual as duas partes examinam perante Deus a própria responsabilidade em fazer o possível por esquecer os conflitos do passado”.

Igreja nos cárceres



Niterói, RJ, 9/10. A Organização Não-Governamental, ONG, Fraternidade de Assistência Solidária, dirigida pelos padres João Rípoli, Gisberto Antônio Pugliesi e Agostinho, assumirá a direção da Penitenciária Feminina de Vila Branca, em Ribeirão Preto, SP, que abriga 210 mulheres.

É uma antiga tradição da Igreja cuidar dos presos, o que S. Paulo já testemunhava na Carta a Filêmon, e foi vivenciado por S. Vicente Ferrer, S. Pedro Claver, S. Filipe Néri, S. João Bosco, entre outros.

Aqueles sacerdotes, que já foram condecorados pelo governo federal por seu trabalho em defesa dos direitos humanos, já vivem muitas dificuldades,

mas contam com a ajuda de pessoas que ofereçam seu trabalho solidário entre as presidiárias.

Afinal, mesmo excluídas, trancafiadas, rotuladas de criminosas, a Igreja sabe que são filhas de Deus, nossas irmãs pelo batismo. A presença da Igreja atrás das grades convida a sociedade a repensar suas relações com os presidiários.

Grito dos excluídos continental

Brasília, 12/10. “Por trabalho, Justiça e Vida”, naquela data, aconteceram manifestações em favor dos excluídos, nos países das Américas e do Caribe. Os objetivos que o Grito se propôs foram: — Denunciar o modelo neoliberal excludente e perverso que destrói a vida e o meio ambiente; — Lutar contra a exclusão social, a discriminação racial e toda a forma de opressão de gênero nas Américas; — Fortalecer a soberania dos povos e das Américas; — Resgatar as dívidas sociais e lutar contra o pagamento da dívida externa. No Grito Latino-americano, os sujeitos foram os desempregados, as mulheres, os migrantes, os negros e indígenas, os jovens, os portadores de deficiências, enfim, todos os que mais sofrem na pele o processo de exclusão.



Congresso Missionário Mundial

Roma, 22/10. Com o tema "Jesus, Fonte de vida para todos", foi realizado, na capital da Itália, de 18 a 22/10, o Congresso Missionário Mundial. De acordo com o Conselho Missionário Nacional — Comina, os critérios para participação foram: a) que as pessoas tivessem compromisso com o serviço missionário, eclesial e comunitário; b) que fossem capazes de partilhar e contribuir com a animação das comunidades; c) que houvesse representatividade e paridade entre leigos(as), religiosos (as)

Projeto Novo Milênio

Brasília, 5/10. A missão de toda comunidade cristã tem dois lados: • cuidar do crescimento das pessoas e de sua educação na fé (educação religiosa da primeira infância, catequese de iniciação, catequese dos adolescentes, crisma, pastoral da juventude, pastoral da família); • cuidar da presença pública da Igreja (ação social, serviço aos pobres, tomada de posição ética sobre as questões econômicas, políticas e culturais). O "Ser Igreja no Novo Milênio",

SINM, oferece subsídios e assessoria tanto para o nível da educação da fé como para o nível da presença pública da Igreja, porém quer incentivar as igrejas locais a assumirem criativamente todas as suas propostas. Procurará penetrar mais nos meios de comunicação social, sobretudo, naqueles de inspiração cristã. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, comunica que já está disponível o subsídio: "Olhando para a frente - Ser Igreja no Novo Milênio, SINM". Para fazer pedidos, basta ligar, gratuitamente, para 0800 612226.

Inculturação na Liturgia

Brasília, 5/10. Realizou-se, em Brasília, DF, de 29 a 31 de agosto, o 1º Seminário Nacional sobre Inculturação da Liturgia em meios indígenas. Foi presidido por d. Geraldo Lyrio Rocha, bispo responsável pela Dimensão Litúrgica na CNBB. Entre as propostas estão: oferecer contribuições para a CF-2002; fazer um levantamento de material bibliográfico e documental que reflitam experiências na linha da inculturação da liturgia e organizar este material; retomar as questões que foram levantadas, reagrupá-las e abordá-las num outro possível seminário com um grupo mais amplo.



- 4. **A IGREJA NO MILÊNIO**
Notícias
- 6. **PALAVRA DO PAPA**
Dom de uma longa vida 
- 7. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
Dignidade humana e paz
Novo milênio sem exclusões
- 8. **FÉ E CIDADANIA**
Finados
J. B. Libânio
- 9. **A praga da pobreza**
Frei Betto
- 11. **Guitarras barulhentas na Igreja**
Pe. Zezinho
- 12. **Agenda Latino-americana 2001**
Pedro Casaldáliga 
- 13. **MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR**
Senhora de Coliell
Roque Vicente Beraldi
- 14. **PARA REZAR BEM OS SACRAMENTOS**
Prece do justo perseguido
José Fonzar
- 16. **REFLEXÃO BÍBLICA**
A ciência da cruz de Cristo
Geraldo Araújo Lima
- 18. **FÉ E CIDADANIA**
Direitos comunicativos em sala de aula
Francisco Gomes de Matos
- 20. **HISTÓRIA DA IGREJA**
A Igreja no século XIX
Ronaldo Mazula
- 22. **SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ**
Roque Gonzales e Luís Orione
Ronaldo Mazula
- 24. **MEU LAR**
Crenças que falam
Wimer Botura Jr. 
- 25. **CULINÁRIA**
Yvone Barros Oliveira
- 26. **ALCOOLISMO**
Mulheres que bebem
Sônia Mannelli
- 27. **LÍNGUA DA NOSSA GENTE**
Ymyrapytã: 500 anos!
Elias Leite
- 28. **LITURGIA DA PALAVRA**
De 3 a 31 de dezembro de 2000
Adelino Dias Coelho 
- 35. **RELENDO A BÍBLIA**
Norma Termignoni
- 36. **TURMA DA MAÍRA**
Tina Glória



Dom de uma longa vida

Apresentamos a seguir trechos da homilia do papa João Paulo II, durante a concelebração eucarística por ele presidida, no dia 17/9, na Praça de São Pedro, no Vaticano:

Evós quem dizeis que eu sou? (Mc 8,29). É a pergunta que Cristo faz aos seus discípulos, depois de os ter interrogado sobre a opinião comum do povo. Ele aprofunda assim o diálogo com os discípulos, como que obrigando-os a uma resposta mais direta e pessoal. Em nome de todos, Pedro responde com prontidão e clareza de fé: *Tu és o Messias*.

O diálogo de Jesus com os apóstolos, ressoado hoje nesta praça por ocasião do Jubileu da Terceira Idade, impele a aprofundar o significado do evento que estamos celebrando. No Ano Jubilar que recorda os dois mil anos desde o nascimento de Cristo, a Igreja inteira eleva ao Senhor de um modo particular uma grande oração de louvor e de agradecimento, sobretudo pelo dom da Encarnação do Filho de Deus e da Redenção por ele realizada.

E vós quem dizeis que eu sou? Diante dessa pergunta que continua a interpelar-nos, estamos aqui para fazer nossa a resposta de Pedro, reconhecendo em Cristo o Verbo que se fez carne, o Senhor da nossa vida.

...O Jubileu da Terceira Idade, que hoje celebramos, reveste-se de uma importância particular, se se considera a crescente presença de pessoas idosas na sociedade atual. Celebrar o Jubileu significa antes de tudo acolher a mensagem de Cristo para estas pessoas, mas ao mesmo tempo va-

lorizar a mensagem de experiência e de sabedoria de que elas mesmas são portadoras nesta particular fase da vida. Para muitas delas a Terceira Idade é o tempo para reorganizar a própria vida, fazendo frutificar a experiência e capacidade adquiridas.

Na realidade, também a idade

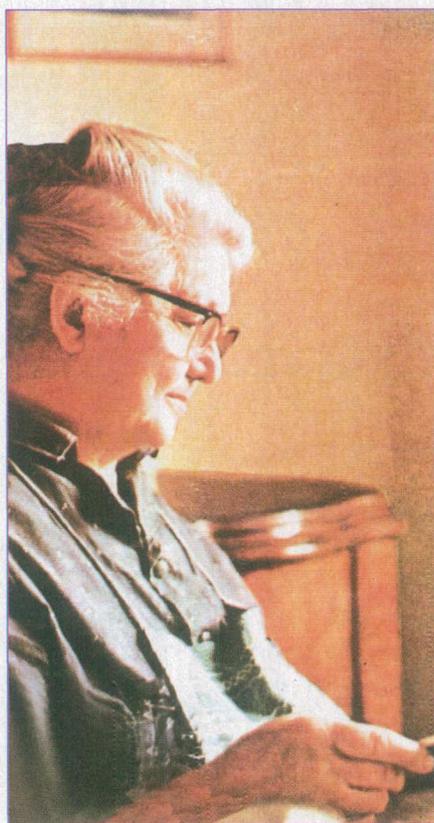


Foto: arquivo

avançada é um tempo de graça que convida a unir-se com amor mais intenso ao mistério salvífico de Cristo e a participar de maneira mais profunda no seu projeto de salvação. A Igreja olha com amor e confiança para vós anciãos, empenhando-se por favorecer a realização de um contexto humano, social e espiritual, no seio do qual toda a pessoa possa viver esta importante etapa da própria vida de forma plena e digna...

Queridos irmãos e irmãs, amigos

anciãos! Em um mundo como o atual, no qual são muitas vezes mitificados a força e o poder, tendes a missão de testemunhar os valores que deveras contam para além das aparências, e que permanecem para sempre porque estão inscritos no coração de todo o ser humano e são garantidos pela palavra de Deus.

Precisamente como pessoas da chamada Terceira Idade, tendes uma contribuição específica a oferecer para o desenvolvimento de uma autêntica cultura da vida — vós tendes, nós temos, porque também eu pertenço à vossa idade — testemunhando que cada momento da existência é um dom de Deus e cada período da vida humana tem as suas riquezas específicas a serem postas à disposição de todos.

Vós mesmos podeis experimentar que o tempo, transcorrido sem o tormento de tantas ocupações, pode favorecer uma reflexão mais aprofundada e um mais difundido diálogo com Deus na oração. A vossa maturidade impele-vos, além disso, a compartilhar com os mais jovens a sabedoria acumulada com a experiência, sustentando-os na fadiga de crescer e dedicando-lhes tempo e atenção no momento em que eles se abrem ao futuro e procuram o próprio caminho na vida. Podeis desempenhar para eles uma tarefa deveras preciosa...

Peçamos a Maria, Virgem peregrina na fé e nossa Mãe celeste, que nos acompanhe pelos caminhos da vida e nos auxilie a pronunciar como ele o nosso sim à vontade de Deus, cantando juntamente com ela o nosso *Magnificat*, na confiança e na alegria perene do coração.

João Paulo II

Dignidade humana e paz

Novo milênio sem exclusões

Concluimos nesta edição as propostas de Ação em relação às mulheres, da seção "Promovendo dignidade e direitos" do Texto-base CF-2000 Ecumênica.

Em relação às mulheres, sugere-se:

- Conhecer e apoiar organizações de luta em favor da dignidade da mulher: ONG's, núcleos de pesquisa, clubes de mães, SOS-violência, conselhos de defesa dos direitos da mulher.

- Identificar e denunciar preconceitos contra a mulher nos meios de comunicação, nos livros didáticos, no comportamento diário, na publicidade, nas histórias infantis, na atribuição de funções e responsabilidades, no mundo do trabalho.

- Apoiar iniciativas de solidariedade e proteção à mulher, como as que visam socorrer as vítimas de violência, as vítimas de aborto e de AIDs, as iniciativas que ajudam a mulher a ter uma gravidez sadia e com menos riscos e a ter condições de bem criar e educar seus filhos.

- Educar crianças, homens e mulheres para o amor, o respeito mútuo, o carinho e a rejeição a todo o tipo de discriminação e de violência. Educar as novas gerações e as comunidades eclesiais para um novo tipo de partilha de tarefas, no qual trabalho doméstico, família, crianças, educação deixem de ser "assuntos femininos" e passem a ser responsabilidade de todos, homens e mulheres, em colaboração mútua.

Educação para a paz

Encerramos este Texto-base CF-2000 Ecumênica com um forte apelo à educação para a paz. Sabemos que a paz é fruto da justiça. E a garantia da vida e da dignidade de todas as mulheres e homens é a pedra angular da paz. Por isso, a superação de todas as formas de injustiça é uma obrigação



Foto: Arquivo

ética que envolve a humanidade inteira. Esse é um dos aspectos mais centrais da missão dos seguidores de Jesus Cristo: testemunhar e viver o amor fraterno. Para nós, cristãos, todos os que têm sua dignidade ameaçada, ferida e negada são como o assaltado e abandonado na beira do caminho, daquela bela parábola de Jesus (cf. Lc 10,25-37; Mc 11,15-19). Para amar a Deus e herdar a vida eterna só temos uma alternativa: tornar-nos o próximo de todos, especialmente, das vítimas de todas as formas de ladrões

da vida e da dignidade humana.

A Campanha da Fraternidade do ano 2000, como explicitamos no início deste Texto-base, tem como finalidade principal a construção de uma das condições básicas para a paz: a vida digna de cada uma e de todas as pessoas. Este esforço solidário de todos alimenta continuamente o sonho de que é possível uma sociedade capaz de conviver e superar os conflitos inevitáveis no dia-a-dia entre pessoas livres. Tudo o que ameaça, fere ou torna impossível a construção desta vida digna é fonte de conflitos irreconciliáveis, é negação da paz.

Afirmar a dignidade da vida como centro da vida social significa também repensar a relação com os demais seres vivos e com a natureza como meio ambiente, como mãe pródiga da vida, retomar a experiência de que ela é viva, fonte de vida, condição da vida. Por isso, é inaceitável a redução da terra e de tudo o que ela tem para objeto dos desejos de alguns indivíduos, que se assenhoram como proprietários vorazes e absolutos dos espaços, da terra, da água, do ar, do mar, das praias, dos rios, das montanhas e das florestas.

É por isso tudo que educação para a paz é uma das prioridades para a conquista e construção de uma sociedade assentada e centrada na vida digna de cada pessoa e na convivência solidária entre as pessoas. Conquistar e apaixonar as pessoas para um caminho al-

ternativo, em que o valor da vida de cada um e de todos seja o ponto de referência das decisões, é um trabalho, desafiante e difícil, de persuasão, pois precisa chegar à consciência, às convicções. E nessa batalha só consegue perseverar quem está convencido de que o melhor está no outro lado, na parte mais alta do rio, e ainda, contra toda a desesperança, que é perfeitamente possível chegar até lá. E, na verdade, já temos todas as condições para que exista esta sociedade em que as pessoas convivam fraterna e solidariamente na paz e sejam felizes. Basta colocar a serviço de todos o saber acumulado, os conhecimentos, as tecnologias, os bens e os recursos já produzidos por toda a humanidade em sua longa história, com uma maior dose de solidariedade, justiça e amor.

As Igrejas cristãs têm uma grande responsabilidade nessa tarefa histórica de educar para a paz, pois são portadoras do evangelho de Jesus, que é Evangelho da liberdade, do amor e da paz. Elas têm a missão de testemunhar, juntas, no exemplo entre elas de respeito, entreajuda e paz, Jesus Cristo, para quem o outro, desconhecido e caído nas diferentes beiras dos caminhos, é o próximo que abre a porta para o verdadeiro amor a Deus (cf. Lc 10,29-37); para quem a pessoa amada vale até mesmo a doação da própria vida (cf. Jo 15,13). E, além disso, as Igrejas são reveladoras da presença do Reino no meio de nós e, ao mesmo tempo, do convite permanente para novos passos em direção ao reino de Deus, que é Reino de verdade e justiça, de amor e paz, que pode avançar sempre na terra, pois seu limite — sem limites — é a perfeição da Trindade.

FIM.



Finados

J. B. Libânio

Os cemitérios são visitados. Nossos olhares se voltam para os mortos. Os sentimentos são vários. Diante da morte, as crenças se definem no que têm de mais profundo e decisivo. A fé bíblico-cristã é belíssima e realíssima. Não nos confunde com nenhuma ilusão de retorno a essa vida terrena, tirando-nos a responsabilidade da história. Não esconde a dureza, a irreversibilidade e a universalidade da morte. A morte atinge a todos. O Eclesiástico ensina-nos com realismo: *Não te alegres com uma morte: lembra-te de que todos morrerão* (Eclo 8,7).

A morte tem a força de apagar todas as aparências, todas as diferenças. O salmo 49 é todo ele uma lição da terrível igualdade na e pela morte. Não se compra a morte com nenhuma fortuna ou riqueza. Os sábios e os imbecis morrem, deixando sua riqueza para os outros. A vitória sobre a morte não vem de nada desse mundo.

A lição da morte é contundente sobre a vaidade desse mundo. Não temas quando um homem enriquece, quando cresce a glória de sua casa: ao morrer nada poderá levar, sua glória não descerá com ele. Tal experiência seria deprimente, se no meio do salmo não se sentisse o respiro da fé. Mas Deus resgatará a minha vida das garras do xeol, da mansão dos mortos, e me tomará.

Na visão bíblico-cristã, Finados abre-nos o olhar para verdades profundas. Numa sociedade de consumo desvairado, de capitalização enlouquecida, que proclama por cima de todos os tetos os nomes das maio-



A morte tem a força de apagar todas as aparências, todas as diferenças. O salmo 49 é todo ele uma lição da terrível igualdade na e pela morte. Não se compra a morte com nenhuma fortuna ou riqueza.

res fortunas, ouvir a realista e pesada palavra da Liturgia: "Lembra-te, homem, de que és pó e em pó hás de te tornar", faz eco ao grito de Jó: *Lembra-te que me fizeste de barro, e agora me farás voltar ao pó?* (Jó 10, 9) ou do salmista: *O homem que, apegado à riqueza, não reflete é semelhante aos animais de abate* (Sl 49, 21), é profundamente salutar.

Diante da proclamação do valor absoluto das riquezas, Finados recorda a vaidade de tal crença. A lição de

fé é também de esperança e de anúncio. Se denuncia nossa pretensão de querermos ser donos da vida, anuncia a vitória sobre a morte pela força de Deus.

O Antigo Testamento termina um longo percurso de fé na existência para além da morte com a proclamação da ressurreição. Os patriarcas acreditavam continuar a viver na sua posteridade. Depois, acreditava-se que a vida prosseguia confusamente num lugar obscuro: o xeol. De lá Deus podia arrancar os seus fiéis. Finalmente, os irmãos macabeus morrem proclamando em alto e bom som: *O Rei do mundo nos fará ressurgir para uma vida eterna* (2 Mc 7, 9). A partir daí, firma-se a fé na ressurreição dos mortos na tradição bíblico-judaica. Tal fé chega a seu ponto máximo com a luz esplendorosa do Novo Testamento, que anuncia a ressurreição de Jesus.

Finados é lição da transitoriedade da nossa vida de fausto, que se ostenta até mesmo nos túmulos. Isto em nada beneficia os mortos. É também e sobretudo a proclamação da fé na ressurreição. Esta sim é a vida que recolhe tudo o que de vida, de justiça, de amor vivemos na história. Não é nenhum passo de mágica. É a explosão de uma vida contida no casulo da história. É a larva que rompe as peias que a prendem para voar para dentro do céu da eternidade.

Finados denuncia esse mundo de aparência, fundado no poder das riquezas e anuncia a pequena chama da fé na ressurreição que é capaz de iluminar a noite de dor e sofrimento pela perda de nossos mortos.



J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

A PRAGA DA POBREZA

Frei Betto

A reunião, em Praga, do FMI e do Banco Mundial, foi como a fazenda presidencial em Buritis, MG cercada de pobres por todos os lados.

Há quem considere que a pobreza estraga a paisagem. Como seria bom viver sem a vizinhança de favelas, de famílias sob viadutos, de crianças espelhando olhos ameaçadores no vidro de nossos carros.

Deus fez os pobres? Não há, em toda a Bíblia, um só versículo de exaltação da pobreza. Deus fez o jardim do Éden, cujas flores foram esmagadas pela ambição humana. Reduzido a mercado, o Paraíso transformou-se em inferno para bilhões de excluídos.

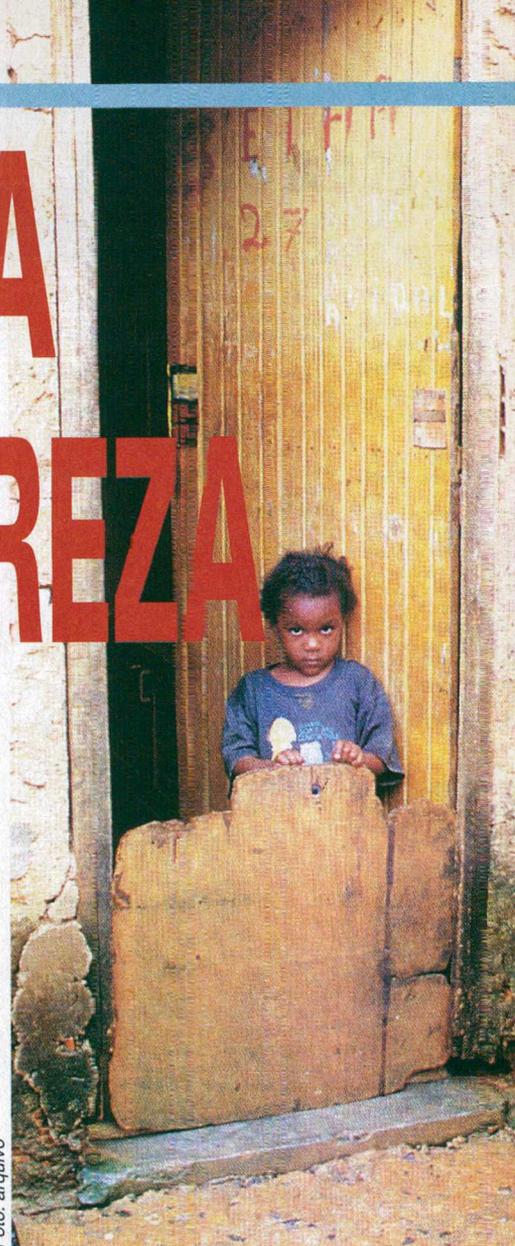
Quanto maior a acumulação de uns poucos, maior a privação de muitos. A pobreza alastra-se como uma praga. Há quem defenda que há excesso de bocas. Não é verdade. Somos 6 bilhões de habitantes neste mundo que produz grãos suficientes para alimentar o dobro da população mundial. A carência não é de bens. É de justiça.

Globaliza-se a miséria. Mas suas vítimas já não aceitam o confinamento geográfico no Terceiro Mundo. Nem o psicológico. Acabou-se o des-

Foto: arquivo

valido abnegado. São 2,8 bilhões de pessoas, obrigadas a sobreviver com menos de US\$ 2/dia. Sem ter o que perder, fazem no mundo o que os sem-terra fazem no Brasil: ocupam espaços. Invadem os países ricos em busca de vida melhor. Há 43 milhões de latino-americanos ilegais nos EUA.

Agora, os pobres ocupam também os espaços simbólicos. Seu clamor fez-se ouvir em Seattle (dez./99) e Washington (abril/00) e, de novo, ressoou na reunião do FMI/Banco Mundial em Praga (set./00). Estas duas instituições controlam a economia mundial. Funcionam "como um braço do Tesouro dos EUA", afirma o indiano Ajit Singh, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra.



Os países pobres, como o Brasil, malgrado a subserviência de nossos ministros, jamais tiveram vez nessas instituições. Elas controlam a nossa economia, fiscalizam as nossas contas, ditam ordens a nossos governos, sem que haja o menor benefício para os nossos pobres. Só os credores internacionais saem no lucro. Por desvendar essa lógica perversa, o plebiscito da dívida e(x)terna suscitou tanta ira em quem troca a soberania nacional por uma lata de caviar.

Em Praga, os manifestantes elevaram a voz dos que não têm voz. A desregulamentação da economia, a livre movimentação do capital especulativo e o fortalecimento dos oligopólios só aumentam a abissal desigualdade entre os poucos ricos e a incontável multidão de excluídos. Basta lembrar que apenas quatro pessoas – Bill Gates, Larry Ellison, Paul Allen e Warren Buffett – têm em mãos uma riqueza superior à renda de 42 nações com 600 milhões de habitantes!

A estabilidade econômica, novo nome do arrocho, produz estagnação e emperra o desenvolvimento. Segundo James D. Wolfenshon, presidente do Banco Mundial, 20% da população mundial controlam 80% das riquezas. Nos próximos 25 anos, a população do planeta pulará para 8 bilhões de pessoas, a grande maioria vivendo em regiões pobres. É o que ele considera uma ameaça de "fratura social".

Enquanto os países ricos fecham seus mercados aos produtos dos países pobres, estes escancaram portos e portas à entrada das mercadorias procedentes do Primeiro Mundo. Se este consumisse produtos agrícolas oriundos dos países pobres, o Terceiro Mundo teria uma renda adicional de, no mínimo, US\$ 40 bilhões.

O que é viver na pobreza? No Brasil, os altos escalões do governo não têm idéia do que seja isso. Quando

muito, sobrevoam de helicóptero áreas atingidas pelo flagelo da fome. Ou mandam filmar, como em Burity, a reação dos pobres em luta por seus direitos. Não para se inteirar dela, mas para engrossar os arquivos policiais.

O Banco Mundial encarregou Deepa Narayana, especialista em Desenvolvimento Social, de responder à questão. O resultado de sua pesquisa assinala que pobreza não é só falta de renda. É também falta de poder e insegurança, engendrando violência e

A estabilidade econômica, novo nome do arrocho, produz estagnação e emperra o desenvolvimento. Segundo James D. Wolfenshon, presidente do Banco Mundial, 20% da população mundial controlam 80% das riquezas.



Foto: arquivo

descrédito nas instituições públicas.

No Brasil há duas atitudes frente à pobreza. Uma, do governo, que a cada dois ou três meses inventa um novo plano para combatê-la, ou muda o nome de velhos projetos, rebatizando-os em lançamentos demagógicos, sem que se verifiquem resultados práticos. As verbas ficam no papel ou quase nunca chegam ao destino final.

A outra é dos próprios pobres, como os sem-terra. Eles levam à prática o que o sociólogo Fernando Henrique Cardoso defende em suas obras e a professora Ruth Cardoso, em sua tese de doutorado: a organização dos excluídos em movimentos sociais, que se assumem como sujeitos históricos na construção da cidadania e da democracia.

É uma vergonha para a frágil democracia brasileira que a Igreja Católica sirva de mediadora para que assentados rurais sejam levados a sério pelo governo. Que democracia é essa que cerca o povo organizado com tropas federais? Enquanto o Incra investiga as contas do MST, latifundiários e usineiros gabam-se de não pagar impostos ou terem suas dívidas jogadas para debaixo do tapete.

A voz dos pobres da América Latina e do Caribe ressoou, de novo, em Nova Iorque, junto à ONU, a 12 de outubro, dia do Grito dos Excluídos do Continente. E, em janeiro, Porto Alegre abrigará o Fórum Social Mundial, que fará um diagnóstico dos países subdesenvolvidos, enquanto em Davos, Suíça, os ricos do mundo estarão debatendo como superar a marca olímpica de 20% de aumento de suas fortunas, alcançada nos últimos doze meses. 🇧🇷

Frei Beito, escritor, é assessor de movimentos pastorais e populares, membro do Conselho Consultivo do Centro pela Justiça Global e autor de Hotel Brasil (Ática), entre outros livros.



Guitarras barulhentas nas igrejas

Pe. Zezinho

Estão tocando *rock* nas igrejas. Que bom para o reino de Deus! É a arte dos jovens entrando pela porta da frente e são os jovens cristãos cristianizando uma arte que muitas vezes pisoteou os valores religiosos. A resposta dos novos roqueiros é clara: — Pode-se fazer um *rock* religioso e nós o fazemos. Deus aceita nosso jeito de cantar.

Sei de muitos padres e pastores que entram em crise só de pensar o que suas igrejas matrizes e congregações teriam que suportar com esses meninos barulhentos. Não concebem a oração num barulho desses. Mas estão aí os messiânicos e pentecostais, para provar que se pode orar em voz alta e com os alto-falantes a toda potência. Enfrentaram e venceram uma proposta do Congresso de se controlar o barulho nas cidades. Acabaria obrigando-os a orar mais baixo. Faz parte do culto deles. Ora, nós católicos também, quando queremos, fazemos o nosso barulho. Por que não os nossos jovens em mis-

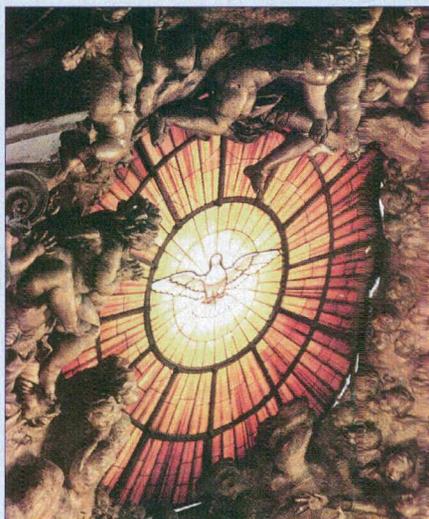


Foto: arquivo

sas que levem o jeito e a linguagem deles?

Quem diz que o *rock* não é arte, não ouviu nem quis ouvir. Alguns grupos realmente são horrorosos, mas há os bons, tipo *L2*, *Rick Wakeman*, *Titãs* e uns 1.000 outros grupos mundo afora, fazendo a mais encantadora combinação de sons no meio de todo aquele barulho. Tocam muito bem e alguns dizem coisas muito sérias. Já faz tempo que apareceram os grupos de *rock* religioso. Se você

não ouviu, não julgue. Nas mais diversas igrejas onde é permitido, têm aparecido artistas jovens dizendo, de maneira jovem, para jovens que gostam dessa cultura, coisas muito profundas. Merecem nosso respeito.

Tenho em casa algumas produções católicas e evangélicas, mas como estou falando a católicos destaco o grupo *Rosa de Saron* e o grupo *Javé*. E já que estamos nisso, adquiram também o excelente e criativo *Ora-samba* da *Banda Exodus*, do Rio, todos editados pela Codimuc, uma cooperativa de música católica, com sede em Cachoeira Paulista, maravilhoso trabalho do inteligente e ousado maestro Eraldo. Trabalho com a Comep — Comunicação das Edições Paulinas, outra editora católica, mas somos maduros e generosos o bastante para elogiar um trabalho bem feito por outros irmãos nossos. Já me perguntaram por que não escrevo e não canto *rock*. Minha resposta foi sincera: — Não toco *rock* porque não sou artista o suficiente para isso. É preciso ser muito bom artista para tocar e cantar *rock*. Gosto da música silenciosa, serena e meditativa, e me especializei nisso, mas sei que uma música mais ousada e fantasiosa é boa e faz bem, quando encontro um grupo que sabe tocá-la. Felizmente os temos. É ver e conferir. Fale com a Codimuc, fax (0__12) 561-2066.

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS



UM IDEAL
Ser claretiano



UMA CONGREGAÇÃO
Missionários Claretianos



UM CONVITE
"Vem e segue-me"



CD
Claretianos a Claret

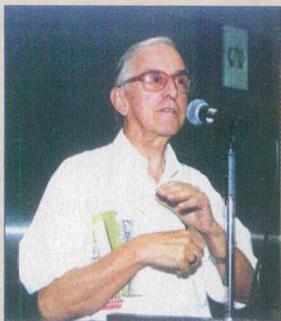
As canções desse CD foram criadas no seminário Claret de Rio Claro. Comprando este CD, você estará ajudando as vocações claretianas e a formação dos missionários. Preço, incluindo o porte do Correio, **R\$ 15,00.**

Se você estiver em um destes Estados, escreva para:

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul:
Pe. Ivo Rogério da Silva
Centro Claretiano de Formação Missionária "Padre Clotel"
Cx. Postal, 412
CEP 85501-970 Pato Branco, PR
Tel. (0__46) 224-2129
clotel@witeduck.com.br

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal:
Pe. Márcio Silva Souza
Secretariado Vocacional Claretiano
Cx. Postal, 1438
CEP 30160-01 Belo Horizonte, MG
Tel. (0__31) 222-3154
curiabc@digitus.com.br

São Paulo, Mato Grosso, Nordeste e outras regiões:
Pe. Janivaldo Alves dos Santos
Secretariado Vocacional Claretiano
Cx. Postal 1205
CEP 01059-970 São Paulo, SP
Tel. (0__11) 9978-3893
janivald@netpoint.com.br
www.cmf.br/vocacional



D. Pedro Casaldáliga.

Agenda Latino-americana

Lançamento da Agenda Latino-americana 2001

Por ocasião do lançamento da Agenda Latino-americana, aos 24 de outubro, em São Paulo, um de seus autores, d. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT, assim falou, em entrevista ao pe. Cláudio Gregianin:

PCG.: D. Pedro, o que significa essa agenda para os cristãos engajados no serviço da Igreja, para as pessoas de boa vontade?

DPC.: A Agenda Latino-americana é um diário que faz memória da luta dos mártires dessa Pátria Grande. Quando se lançou a Agenda, quis-se destacar as grandes causas que configuram a alma latino-americana:

a indígena, a negra, a da mulher, da ecologia, do movimento popular, da solidariedade.

PCG.: Essas causas transcendem o envolvimento só dos católicos ou dos cristãos?

DPC.: A alma latino-americana tem a luz da fé cristã, mas com espírito macro-ecumênico, que dialoga com outras Igrejas e com outros organismos que lutam, também, pela vida, pelos direitos humanos, pela justiça social.

PCG.: O que dizer do Mercosul e de outras integrações em níveis governamentais?

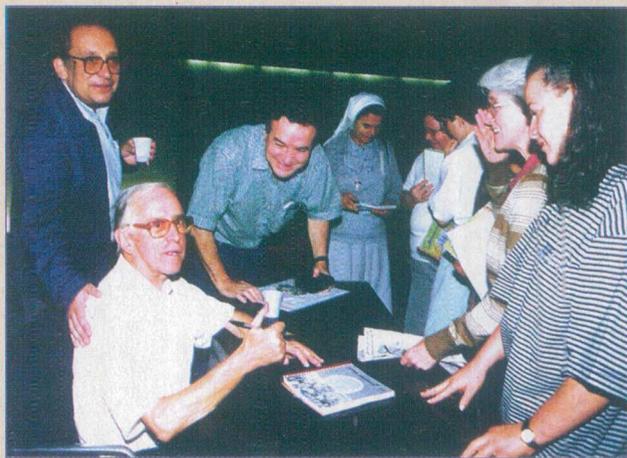
DPC.: Há uma integração latino-americana pela cúpula, diríamos Mercosul. Merconorte, mas cremos numa integração latino-americana pelas bases populares que atinja realmente a economia de todos e que provoque a

responsabilidade dos nossos dirigentes.

Neste 2001, a Agenda quer alargar seus horizontes. Sem nunca perder seu espírito, seu chão, passa a ser mundial. Em tempos de plena mundialização da economia, temos de contribuir para a globalização humana da solidariedade.

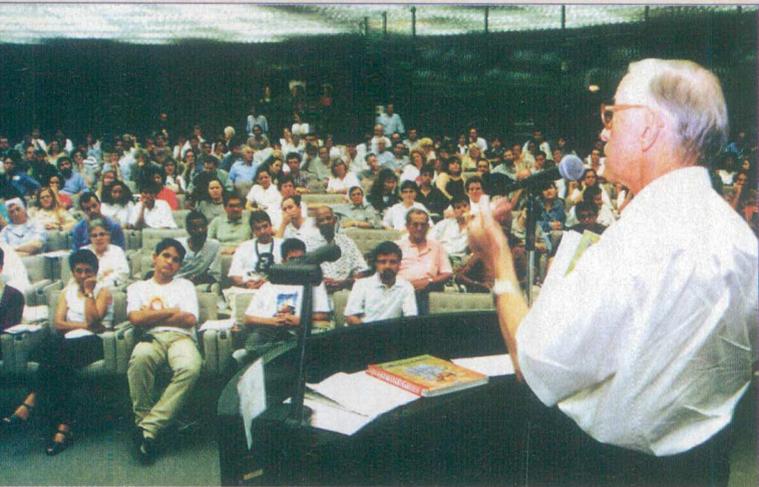
PCG.: E sobre o pagamento da dívida externa?

DPC.: Há, sem dúvida, uma insistência muito grande do papa João Paulo II sobre a perspectiva de cancelamento das dívidas dos países mais pobres do Terceiro Mundo com os mais ricos. Mas, sublinho a necessidade de não se esquecerem as dívidas sociais indigenistas e africanistas, como as da terra, da saúde, da educação, da segurança, da previdência, etc. Na Agenda, chamamos a atenção, também, para a dívida do diálogo inter-

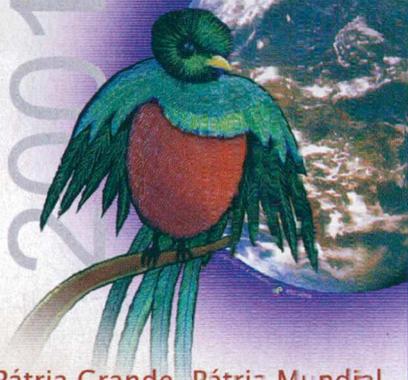


D. Casaldáliga autografando a "Agenda de 2000", ano passado.

Foto: arquivo



D. Pedro Casaldáliga falando, no lançamento da "Agenda", ano passado, no Parlamento Latino Americano, em São Paulo.



Pátria Grande, Pátria Mundial

religioso entre as Igrejas e entre as religiões. Sem esse macroecumenismo não haverá paz no mundo nem autêntica convivência fraterna.

PCG.: Podem-se incluir aqui os organismos não-governamentais que têm como defesas grandes causas?

DPC.: Todo organismo, toda entidade, todo grupo humano, que esteja disposto ao diálogo, deveria entrar nesse esforço para pagamento da dívida do diálogo. Isso torna-se urgente, hoje, quando vivemos num mundo cada vez mais cheio de fronteiras, de barreiras, conflitos econômicos, etc.

PCG.: Qual seria sua mensagem final aos usuários da Agenda?

DPC.: O fruto definitivo que eu gostaria que surgisse do uso e leitura da nossa Agenda seria o do surgimento de uma frente mais aberta, mais livre, mais esperançosa para todas as culturas, raças e religiões. Para nós, cristãos, o Filho de Deus encarnou-se para a liberdade, para que nós, divinizados por ele, possamos lutar pelo fim da opressão, do egoísmo. Ele já é vitorioso, junto do Pai. Por isso, nossa fé é inabalável no futuro da humanidade, aliás, no futuro eterno



Senhora de Collell

Roque Vicente Beraldi

Na diocese de Gerona, Espanha, paróquia de Besalu, há um vilarejo denominado Collell. Por volta do ano 780, quando os sarracenos invadiram aquele território, muitas lutas sangrentas aconteceram. Entre os combatentes estava o Barão de Cartelhá. Seu filho era doente e nenhum médico conseguia curá-lo. Desiludido, invocou e prometeu a Nossa Senhora que construiria uma capela naquele vilarejo, se seu filho sarasse. Conseguindo a graça, cumpriu seu voto. Os habitantes da região começaram e mantiveram o culto naquela igreja, em homenagem a Maria, que recebeu o nome do lugar: Nossa Senhora de Collell. O filho do barão de Cartelhá, agradecido pelo favor recebido, construiu ao lado da capela, um mosteiro, onde os monges exaltavam as grandezas de Maria. Muitos peregrinos se uniram às celebrações religiosas, tornando o lugar de penitência, de alegria e fé.

Narra uma lenda, porém, que um crime foi cometido ali e o lugar ficou interditado pelas autoridades religiosas. Passaram-se uns trinta anos. O mato cresceu. Um lavrador, de nome Miguel Noguera, rezava todos os dias diante do santuário. Certa vez, estando em oração, viu a porta do templo se abrir e uma linda Senhora vestida de branco muito intenso, sair e pedir-lhe que procurasse o bispo a fim de reacender o fervor antigo, com procissões penitenciais. A proibição foi suspensa e houve um



reflorescimento da piedade popular. O nome de Nossa Senhora de Collell tornou-se muito conhecido na região, sobretudo por causa dos favores que ela concedia.

ORAÇÃO

Senhor Deus, por intercessão de Nossa Senhora de Collell, concedei-nos sempre saúde de alma e de corpo, e fazei que, libertos das tristezas deste mundo, possamos gozar das alegrias celestes. Por Cristo Senhor nosso, Amém.

Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.

Prece do justo

Salmo 16 (numeração litúrgica) – 17 (numeração hebraica)

1 *Súplica de Davi.*

Ouvi, Senhor, uma causa justa! Atendei o meu clamor!
Escutai minha prece, sincera e sem maldade.

2 Venha de vossa presença o meu julgamento,
e reconheçam vossos olhos que sou íntegro.

3 Sondai meu coração, visitai-o à noite, provai-o no fogo,
e nenhuma culpa encontrareis em mim.

4 Minha boca não pecou, como costumam os homens.
Conforme vossas palavras, segui os mandamentos da Lei.

5 Firmai meus passos nos vossos caminhos,
para que não vacilem os meus pés.

6 Eu vos invoco! Atendei-me, ó Deus!
Aproximai vosso ouvido, escutai a minha voz.

7 Manifestai o vosso amor maravilhoso
e salvai do inimigo quem em vós procura abrigo.

8 Guardai-me como a menina dos vossos olhos.
À sombra das vossas asas escondi-me.

9 Defendei-me dos ímpios que me perseguem,
dos inimigos que furiosos me rodeiam.

10 Corações endurecidos como pedra,
arrogantes no falar.

11 Eles seguem os passos da gente.
Eles ficam à espreita, prontos para derrubar.

12 Como o leão pronto para a presa,
como o leãozinho disfarçado no esconderijo.

13 Levantai-vos, Senhor! Avança contra o malvado!
Dobrai-o! Com vossa espada livrai-me!

14 Com vosso poder eliminai essa gente,
essa gente que tem no mundo o seu tesouro.
Quanto aos vossos protegidos, saciai-os com os vossos bens:
viverão na abundância seus filhos
e deixarão sobras e sobras aos seus descendentes.

15 Eu, por vós justificado, hei de contemplar a vossa face,
Ao me despertar, vos verei e me saciarei.

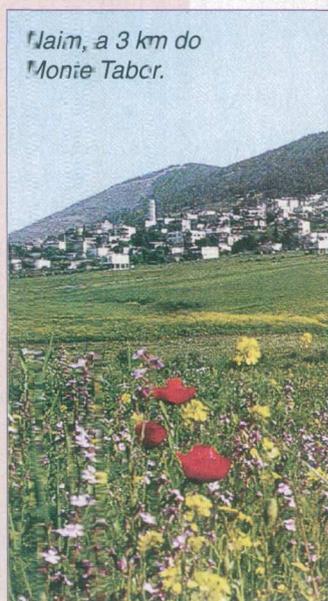
não ofenderam a Deus e, no entanto, são perseguidas, caluniadas, hostilizadas. Atualmente, muitos dos mais religiosos e mais tementes a Deus, muitos que buscam a justiça e o direito para todos estão nessa situação de falsidades e calúnias.

Justo perseguido, em meio à violência de um mundo hostil: quem, mais do que o santo Filho de Deus, Jesus Salvador? Quase ao pé da letra se aplica todo o Salmo a Jesus, nos dois anos e pouco de sua vida pública, especialmente quando orava no Horto

das Oliveiras. Inocente, Ele clama. Falou o que tinha que falar. Não titubeou. Não vacilou. Os pecadores, furiosos, arrogantes, violentos, a espreitá-lo como leões no covil. Podem-se ler Mateus 26, 36ss (ou Marcos 14,32ss ou Lucas 22,39ss). Mas, como Jesus, também nós ressuscitaremos e iremos contemplar a face do bom Deus. E isto nos saciará plenamente! Será a maravilha das maravilhas!

Por este motivo, pensamentos do Salmo são meditados em missas da quaresma, tempo de penitência e de preparação para a Cruz. E estão também presentes na celebração dos mártires, que foram pessoas inocentes, bondosas, pacíficas, mas perseguidas, presas de animais humanos...

Voz de Cristo na paixão, voz da Igreja na perseguição. *Gemendo e chorando neste vale de lágrimas*, enquanto os malvados que roubam o povo vivem em permanentes banquetes e na impunidade. Quantas frases não encontramos certinhas para nós! O último



Jaim, a 3 km do Monte Tabór.

Fotos: arquivo

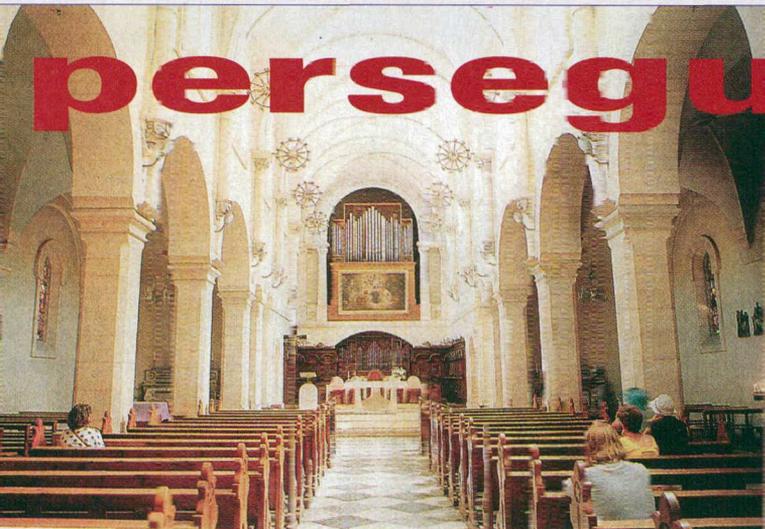
CONSIDERAÇÕES

O salmista, em aflitiva situação, perseguido de perto, e consciante de sua inocência, pede a Deus que lhe faça justiça perante os seus inimigos, que são também

inimigos de Deus. Certo nervosismo e constante ansiedade pela iminência do perigo, a ferocidade dos inimigos. Salmo apropriado para pessoas que sabem que



perseguido



Igreja de Nossa Senhora da Alexandria

versículo, por exemplo, que sugere ressurreição de Jesus Cristo e do cristão: eu o copieie e amplieie, em cores e com bordas, em 8 idiomas diferentes, e cebedurei bem à vista.

Mesmo quando externam sentimentos pessoais, as composições dos salmistas refletem a situação espiritual dos justos perseguidos que se mantêm fiéis aos preceitos do Senhor, sem utilizar meios violentos de virgança.

Podemos dividir o Salmo em três partes: 1-8 – Súplica baseada em confissão de inocência. 9-12 – Nova súplica, em vista da maldade dos inimigos. 13-15 – Vitória de Deus e prêmio final (“firme e feliz”).

As primeiras e as últimas linhas do Salmo lembram a consoladora promessa de Jesus: **Bem-aventurados os puros, porque verão a Deus** (Mt 5,8)

2 – Um sorriso vosso, ó Deus. Um gesto, um sinal de benevolência, aprovação da minha integridade, da minha inocência. A proteção divina será a melhor presença e confirmação da boa conduta do crante.

3 – Na Bíblia, o coração é o órgão do pensamento. Também da afetividade, como o é entre nós. O silêncio da noite é o melhor momento para reflexão profunda, para a gente se encontrar a sós com Deus, sem a dispersão do dia e a interferência das pessoas. Note a progressão do auto-exame do salmista no verso 3, pensamento; no 4 palavra no 5, ação externa. – Nós, quantas vezes temos de confessar que **pecamos por pensamentos, palavras e obras!** (Devo esclarecer que no âmbito, na “região” do puro pensamento não existe nem pode existir pecado. Quando a gente diz ter *pecado por pensamento*, é porque a vontade errou e desenvolveu o pensamento. Pecado só existe no compartimento da vontade)

4 – Quanto se peca com a língua, neste mundo! São Tiago Apóstolo, primeiro Bispo de Jerusalém, alerta, no capítulo 3, contra os perigos dessa perigosa “escada”.

5 – As incitações ao mal são contínuas. Dia e noite. Pedir a perseverança, a fidelidade, a graça de nunca titubear, é um dos pedidos mais importantes e mais agradáveis a Deus. *Não permitais que eu me separe de vós. Do inimigo maligno defendei-me.*

8 – Dos inimigos, descrição vigorosa e dramática. De Deus, as metáforas e expressões mais afetuosas: menina dos olhos, avezinha escondida debaixo das asas! (**Menina dos olhos:** Deuteronômio 32,10; Provérbios 7,2; Zacarias 2,12. **Avezinha tímida:** Salmos 35(36),8; 56(57),2; 60(61),5; 62(63),8; Rute 2,12; Deuteronômio 32,11; Mateus 23,37!)

Não sejamos pessimistas. Pensemos no quanto Deus ama a cada um de nós. Só cai na tristeza, no pessimismo, no derrotismo, na depressão quem não reconhece o infinito amor de Deus.

12 – Os inimigos são quase sempre comparados a animais selvagens. Ao falar de **leão**, rei das selvas, dá a impressão de que o salmista está se referindo especialmente ao chefe dos perseguidores – para os nossos dias, o próprio Lúcifer, o eterno adversário de Deus soberano, cujo tempo de provocar o ser humano está terminando. Por meio da Mulher do Gênese e do Apocalipse, logo mais **vencerá o Leão da tribo de Judá** (Apocalipse 5,5).

13 – Para implorar o apoio divino os autores inspirados recorrem ao verbo **levantar**. É a figura do herói vencedor, temível, sempre de pé. Ver Salmos 3,7; 7,7; 81 (82),8; 131 (132),8; Números 10,35 (a Arca); Juizes 5,12 (Débora); Habacuque 2,19 (pedra, sem vida!); Mateus, 8,26 (vento e água). **Levantar-se** é também voltar a viver: Marcos 5,41 (menina Talita); Atos 9,40 (senhora Tabita)... A mais estupenda volta à vida é a definitiva **Ressurreição** de Nosso Senhor Jesus Cristo!

15 – Enquanto os ímpios acumulam riquezas e bens materiais, o maior desejo dos piedosos é ver a Deus face a face, estar com Deus, na oração e – por que não ampliar a idéia? – ficar com Deus para sempre. Nós, hoje, estendemos a idéia, embora sabendo que o autor do Salmo contrapõe duas maneiras de viver neste mundo e não se refere ao mundo futuro. O que o impressiona é o contraste entre a vida falsa e a verdadeira, entre a carne e o espírito, entre o material e o espiritual. Esse contraste (dualismo) está presente em outros livros bíblicos, especialmente nos cinco escritos de São João Apóstolo e nas cartas de São Paulo.

Pe. José Fonzar, correio eletrônico - fonfon@sercomtel.com.br

O mistério do sofrimento

Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, pois completo, na minha carne, o que falta à paixão de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja (C11,24).

Geraldo Araújo Lima

O porquê do sofrimento

Ao longo da história humana, o sofrimento tem sido sempre uma pedra de tropeço. Sobretudo, quando se trata do sofrimento de um inocente ou de um justo. A idéia de Jesus ir a Jerusalém para lá ser preso, sofrer muito e morrer crucificado, assustou terrivelmente a Pedro (Mt 16,21-23). Aliás, *Jesus crucificado... é um escândalo para os judeus e uma loucura para os gregos* (1Cor 1,23). O livro de Jó tenta encontrar uma solução para o problema do sofrimento do justo. Jó, inclusive, chega a desafiar Deus a que lhe dê uma explicação. Porém, em vez de uma resposta, Deus lhe lança em rosto dezenas de interrogações, para as quais o pobre do Jó não encontra saída.

Tobias, outro justo sofredor do Antigo Testamento, teve mais sorte, ao obter do anjo Rafael este precioso esclarecimento: *Porque eras amado por Deus, foi preciso que o sofrimento te provasse* (Tb 12,13 - Vulgata). Aqui, o sofrimento aparece como um sinal de amor, e não de ódio, vingança ou castigo. É por aí que segue o livro dos Provérbios: *Javé repreende os que ele ama, como um pai ao filho preferido* (Pr 3,12). A Carta aos Hebreus comenta bem este conceito:

É para a vossa educação que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho, cujo pai não educa? Se estais privados da educação da qual todos participam, então sois bastardos e não filhos (Hb 12,7-8).

Assim sendo, torna-se patente que o sofrimento tem para nós um valor educativo, corretivo. Além do mais, é através dele que vamos provar que realmente amamos e somos fiéis a Deus. Todavia, apesar de tantos textos bíblicos, continuará existindo dentro de nós o hábito de encarar sempre o sofrimento como um castigo por alguma falta cometida. Até os apóstolos partilhavam de tal opinião: *Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que este homem nascesse cego* (Jo 9,2)? É o desabafo espontâneo de tantas pessoas, também de hoje, quando se vêem diante de alguma tragédia ou catástrofe, doença ou qualquer outro contratempo: "O que foi que eu fiz, para Deus me tratar assim?!"

E o mistério continua. O próprio Jó reconhece e se retrata: *Sou aquele que denegriu teus desígnios, com palavras sem sentido. Falei de coisas que não entendia, de maravilhas que me ultrapassam... Por isso, retrato-me e faço penitência no pó e na cinza* (Jó 42,3.6).



A idéia de Jesus ir a Jerusalém para lá ser preso, sofrer muito e morrer crucificado, assustou terrivelmente a Pedro (Mt 16,21-23).

Aliás, Jesus crucificado... é um escândalo para os judeus e uma loucura para os gregos (1Cor 1,23).

A ciência da Cruz

O Antigo Testamento, não obstante os seus avanços, não estava em condições de desvendar o misté-



rio do sofrimento. A revelação ainda não atingira a sua plenitude. Efetivamente, esta só teria lugar na pessoa de Jesus Cristo, *pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude* (Cl 1,19). Por isso, a Carta aos Hebreus nos convida a que *corramos com perseverança para o certame que nos é proposto*, com os olhos fixos naquele que é o autor e o realizador da fé, Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, *desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus. Considerai, pois, aquele que suportou tal contradição por parte dos pecadores, para não vos deixar fadigar pelo desânimo* (Hb 12,1-3).

O justo e inocente Jesus não apenas aceitou o sofrimento, mas até proclamou a bem-aventurança dos que sofrem fome e sede, injúria e perseguição. Tentou mostrar aos discípulos *que era necessário que o Filho do Homem sofresse muito* (cf. Mt 16,21), e que o grão de trigo precisa morrer para produzir muito fruto (cf. Jo 12,24). Ele próprio se identificou com o Servo sofredor, de Isaías, *traspasado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa dos nossos crimes... carregando sobre si a iniquidade de todos nós* (Is 53,5-6).

Foi somente através da meditação dos sofrimentos redentores de Cristo que os apóstolos, iluminados por Pentecostes, chegaram à *ciência da Cruz*, que detém a chave de todo o mistério. E se trata de uma verdadeira conquista: *Perdi tudo e a tudo considero como esterco, para ganhar a Cristo... para conhecê-lo, para conhecer o poder de sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos* (Fl 3,8. 10-11).

Prosseguindo nesta trilha, foram mais além: atingindo a *ciência da*

Cruz, alcançaram também a *alegria da cruz*. Uma autêntica revolução de corações! O que antes apavorava e escandalizava aqueles discípulos desestruturados, agora os enaltece: *Chamaram de novo os apóstolos e mandaram açoitá-los com varas... Mas eles deixaram o Sinédrio muito alegres por terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo nome de Jesus* (At 5,40-41). Esta nota da alegria em meio às dores vai marcar principalmente a Pedro - o medroso e covarde da tríplice negação: *Na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação da sua própria glória possais ter uma alegria transbordante* (IPd 4,13).

A causa de tal alegria está na utilidade do sofrimento, que eles descobriram a partir da consideração dos sofrimentos de Cristo. Escrevendo da prisão de Roma para os cristãos de Colossos, Paulo declara que os seus sofrimentos têm uma dupla finalidade (o que o deixa bastante alegre): primeiro, eles permitem a Paulo associar-se mais diretamente a Jesus, completando em sua própria carne o que falta à paixão dele; segundo, os sofrimentos de Paulo, à semelhança dos de Jesus, têm um valor social: beneficiam todo o *Corpo* de Cristo, que é a Igreja. É o que ele explica magistralmente na célebre frase, que traz em si a resposta definitiva para o angustiante problema da dor: *Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, pois completo, na minha carne, o que falta à paixão de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja* (Cl 1,24).

É nesta perspectiva que devemos encarar todas as tribulações que têm triturado o coração da humanidade inteira ao longo da história. Não são inúteis. Não caem no vazio. Ao contrário, confluem para o infinito oceano da paixão do Redentor. Afinal, ele é a cabeça desse enorme Corpo místico, do qual todos somos membros.

(continua na edição de jan/01)

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jaboatão do Guararapes, PE.

Foi somente através da meditação dos sofrimentos redentores de Cristo que os apóstolos, iluminados por Pentecostes, chegaram à ciência da Cruz, que detém a chave de todo o mistério.



Direitos comunicati

Francisco Gomes de Matos



Fotos: Eduardo Russo

Direitos humanos: uma tradição (des)conhecida

Aos leitores poderá parecer estranho o uso do prefixo "des" no título desta parte introdutória, mas é proposital, pois acreditamos que a importantíssima tradição dos direitos humanos, tão significativamente proclamada através da Declaração Universal dos Direitos Humanos, DUDH, em 1948, é, desconhecida, se considerarmos, por exemplo, a maioria dos professores de línguas, materna (Português, no caso brasileiro) e estrangeira.

Essa constatação reflete nossa experiência em Linguística Aplicada e na área bem jovem dos Direitos Linguísticos, cuja gestação se deu no início da década de 80.

Assim, em abril de 1984, publicou-se, no boletim *fiplv world news* (da Federação Internacional de Professores de Línguas Vivas, com apoio da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, unesco*), um apelo de minha autoria em favor de uma Declaração Universal de Direitos Linguísticos.

Três anos mais tarde, 1987, realizar-se-ia, na Faculdade de Direito da UFPE em Recife, um seminário inter-

nacional sobre Direitos Humanos e Direitos Culturais, por iniciativa da unesco (Divisão de Direitos Humanos, Democracia e Paz) e da Associação Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação Intercultural.

Naquele evento, que tive o privilégio de coordenar, proclamou-se a Declaração do Recife (sobre Direitos Linguísticos), documento que inspirou, em parte, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, proclamada em Barcelona em 6 de junho de 1996 e disponível na Internet neste endereço www.linguistic-declaration.org

Costumo perguntar, a grupos de atuais e futuros professores (principalmente de Português) se já teriam lido alguma coisa do texto da DUDH, 1948: com raríssimas exceções, a resposta é negativa. Talvez porque o referido documento o mais importante em seu gênero, na história da humanidade — não tenha sido promovido e trabalhado como deveria, no ecossistema educacional.

Chega a ser paradoxal que, por um lado, seja mencionado o direito à liberdade de opinião e de expressão (art. 19, DUDH), mas, por outro lado, não esteja sendo trabalhado o conjunto de direitos e responsabilidades que designamos por direitos comunicativos.

Quando, num primeiro convívio com alunos e futuros professores, interrompo a aula e pergunto "Será que o direito de ouvir estará sendo respeitado, neste momento?", percebo ex-

pressões de surpresa e até perplexidade nos rostos de muitos estudantes. Por quê? Não imaginavam que essa categoria de direito humano poderia ser invocada por um professor, ao constatar que alguém da turma tinha dito algo e alguns colegas estavam enrijados numa conversa paralela, no fundo da sala, por exemplo.

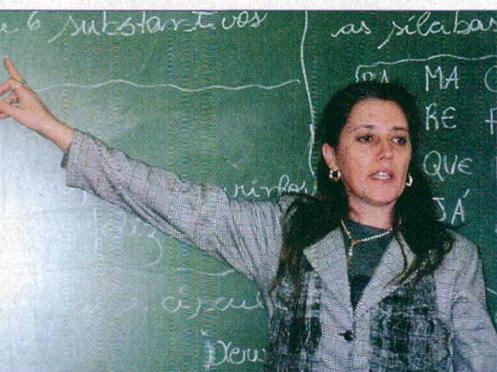
Violações de direitos comunicativos: uma lista aberta

Ao me referir ao direito de ouvir — a correspondente responsabilidade comunicativa seria a de fazer-se ouvir por todos — exemplifiquei um caso — tão freqüente em salas de aula e em outros contextos — de violação do direito comunicativo. Quantas vezes, nós usuários de Português (e de outras línguas), cometemos esse tipo de desrespeito à dignidade comunicativa humana? Em lugar de continuar a compartilhar reflexões teó-





Violências em sala de aula



ricas sobre essa desafiadora problemática educacional, optarei por apresentar uma lista — aberta, a ser complementada, sistematizada, refletida, questionada... — de modos de (inter)ação que poderiam constituir violações de direitos comunicativos em sala de aula.

Violações de direitos comunicativos

O direito comunicativo de uma pessoa ou de comunidade de sala de aula poderá estar sendo desrespeitado quando: (quadro ao lado) >>>>>

Aos leitores desejosos de uma primeira vacinação contra o hábito humano de discriminar, inclusive comunicativamente, recomendamos o inspirador livro *Preconceito Lingüístico*, de Marcos Bagno, publicado pela Loyola, São Paulo, SP, 2ª edição, 1999.

Em suma, que os Direitos Humanos Comunicativos sejam formulados, discutidos e postos em prática em sala de aula. Se assim assumiremos nossos papéis de modernos humanistas ou, como prefiro chamar, humanizadores, para lembrar que estamos imbuídos dos ideais de Direitos Humanos Lingüísticos, justiça e paz comunicativas é necessário, mas insuficiente: precisamos aplicá-los, para o bem comunicativo de todos.

- 1• **interrompemos** indelicadamente alguém que esteja falando.
- 2• **impedimos** que uma pessoa peça explicações (às vezes, precisamos “explicar nossas explicações”!).
- 3• **conversamos** com uma pessoa, como se fosse um diálogo privilegiado, em vez de compartilhado pelo grupo inteiro. Quantas vezes, nós, professores, esquecemos que o comunicar é, antes de tudo, um compartilhar e que, por isso, precisamos evitar o hábito questionável — se freqüente — de dialogar apenas com um(a) aluno(a), esquecendo-nos, por alguns minutos, das outras pessoas que estão na sala, como co-aprendizes?
- 4• **falamos** para o grupo, em vez de “com” o grupo. Este princípio reflete a natureza cooperativa da linguagem humana: somos criaturas comunicativas que dependem umas das outras para a comunicação eficaz. Precisamos aprender a monitorar o que dizemos em aula, principalmente para transformarmos o questionável hábito de “eu falo, vocês ouvem, escutam, prestam atenção, etc.” em “aprendemos através de uma interação efetiva e afetiva”. Estaremos bem conscientes da diferença entre o “comunicar a/para” e o “comunicar com...”? A primeira alternativa reflete um estilo comunicativo autoritário; a segunda constitui o reconhecimento de que somos parceiros comunicativos, com direitos e deveres.
- 5• **deixamos** ligados nossos telefones celulares durante a aula, de estarem sendo usados, e, assim, perturbando o clima de comunicação.
- 6• **deixamos** de responder a perguntas reveladoras de ansiedade, expectativas de alunos. Exemplo: Como seremos avaliados? Qual o sistema avaliativo a ser adotado, com base em que critérios, etc?
- 7• **fazemos** comentários discriminatórios sobre o modo de falar/escrever/ler de alguém.
- 8• **privamos** os alunos de interagirem face-a-face. A disposição tradicional de cadeiras em filas é um tipo de anti-comunicação que precisa acabar, se quisermos fazer da sala de aula um reflexo do que ocorre no mundo lá fora.

nicativas é necessário, mas insuficiente: precisamos aplicá-los, para o bem comunicativo de todos.

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador no Departamento de Letras, em Direitos Lingüísticos, da Univ. Federal de Pernambuco, em seu 50º aniversário e-mail: fcgm@cashnet.com.br

A Igreja no século XIX

Ronaldo Mazula

Igreja e questão social

Como mencionamos anteriormente, o século XIX foi marcado, também, por grande desenvolvimento industrial. Porém, à custa do sacrifício de milhares de homens, mulheres e crianças, explorados por um sistema amoral e que provocava grandes desigualdades.

Na sociedade foram surgindo movimentos e setores que começaram a protestar contra aquela situação: inicialmente, houve a chamada corrente 'socialista utópica', representada por Saint-Simon, Charles Fourier e Pierre Proudhon; em seguida deu-se o surgimento do 'sindicalismo' que nasceu no início do século XIX, na Inglaterra industrializada, e que foi se espalhando por outros países europeus; finalmente, tivemos o surgimento da corrente 'socialista científica-comunista', representada por Karl Marx, que iniciou sua obra com o 'Manifesto do Partido Comunista', em 1848, na qual pregava o fim da propriedade privada em prol da socialização do capital.

Diante desta situação de opressão e exploração do pobre operariado, qual foi a posição da Igreja? Mais uma vez, podemos falar de duas vertentes:

- a primeira apelava à caridade e ao assistencialismo, foi representada pelos que afirmavam ser aquela situação vontade de Deus; que todos deviam se resignar pacientemente e prestar obediência aos patrões e superiores; que as atitudes dos sindicados

eram contrárias à ordem estabelecida, que não reconhecia os direitos dos operários;

- a segunda vertente, era representada pelos que, pouco a pouco, foram se sensibilizando pela causa dos explorados e seus sofrimentos e superaram a dinâmica meramente caritativa, passando a aceitar os direitos dos operários. Aqui, destacaram-se vários católicos: Frederico Ozanam com as Conferências Vicentinas, as escolas e oratórios de D. Bosco, Lamennais, De Bonald, Charles de Caux, Emmanuel Ketteler, Karl von Vogelsang, José Toniolo e os Cardeais Gibbons e Manning.

Assim, apesar das dificuldades que a Igreja atravessou naquele período, segundo o Pe. Martina, "se por um lado o Estado Pontifício deixou de existir e o Papa Pio IX tentou lutar contra todos os inimigos da Igreja, foi



João XXIII

Foto: arquivo

amadurecendo uma nova concepção eclesial, influenciada pelas posições antagônicas dos liberais e intransigentes, dos modernistas e anti-

modernistas. No fim do século, com Leão XIII foi iniciado o processo de abertura eclesial e de seu compromisso com a realidade social." (cf. MARTINA, G. *La Iglesia, de Lutero a Nuestros Dias*. Vol. I, Madrid, Ed. Cristiandad, 1974, p. 24).

E foi naquele contexto que o papa Leão XIII escreveu uma das encíclicas mais importante da época contemporânea: a *Rerum Novarum*, de 1891, que marcou a posição e o consequente compromisso da Igreja com as questões sociais. A encíclica reforçou quatro aspectos: • o respeito à propriedade privada (*entendida esta como algo que deve estar voltado para o comunitário e sempre com restrições ao acúmulo de bens de uma minoria*); • o dever do Estado no controle das desigualdades e na obrigação de promover a prosperidade pública para todos (*sem distinção de classes, raças e credos religiosos, pois o Estado deve assumir e valorizar os direitos de todos e não só das minorias detentoras do poder econômico que usam da política para a defesa de seus interesses mesquinhos e classistas*); • os deveres dos operários e o direito a um salário digno (*salário que dê condições ao operário de ter casa, alimentação saudável, estudo aos filhos, atendimento médico-hospitalar*); • a condenação da luta de classes (*como meio de se alcançar o poder pelo poder para se subjugar e explorar os mais pequenos e pobres*) e a abertura e defesa da livre associação dos operários para a defesa de seus interesses (*a Igreja apóia as iniciativas dos sindicatos, instrumental importantes e necessário para a emancipação do operário*).

A partir da *Rerum Novarum*, podemos afirmar que a Igreja assumiu o seu compromisso com o social e ela, foi a base de vários outros documentos eclesiais (*Quadragesimo Anno*,



Mater et Magistra, Octogesima Adveniens, Laborem Exercens, etc.) e, mais importante ainda, de uma nova postura eclesial ante o trabalho, o mercado, os desvios econômicos e as injustiças sociais que, infelizmente, ainda acontecem no mundo atual e são fortalecidos pelo sistema neoliberal.

Missões e vida religiosa

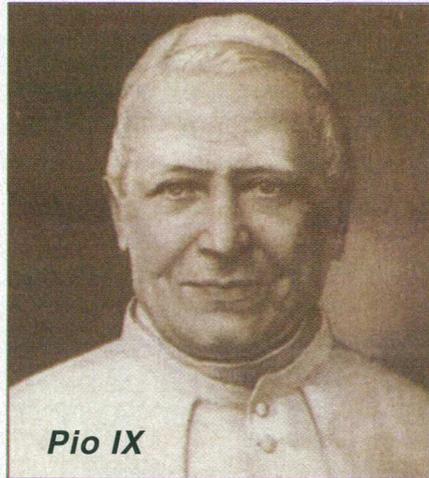
Outro aspecto marcante do século XIX, no contexto da 'Restauração', foi o incremento das missões e o surgimento de uma gama de novas congregações.

No campo das missões, deve-se ressaltar que com a restauração da Companhia de Jesus, em 1814, e com a fundação de novas congregações missionárias, deu-se o incremento dessa atividade na própria Europa descristianizada, Ásia (Índia, China, Japão, Indochina), África (Tunísia, Marrocos, Egito, Guiné, Angola, Congo, São Tomé e Príncipe, África do Sul, Madagascar, Uganda, Etiópia), Oceânia (Austrália, Nova Zelândia, Indonésia, Filipinas) e América Latina.

Os papas Pio VII (1800-1823) e Gregório XVI (1830-1846) deram um grande apoio à Congregação da Propaganda da Fé, instituição fundada para o serviço e atividades missionárias, em 1622, agora apoiada por associações católicas de leigos, sacerdotes e religiosos. Houve um trabalho e esforços extraordinários, com milhares de missionários dando a vida e se dedicando à missão. Porém, deve-se ressaltar que houve falhas e dificuldades que, em alguns setores, foram e ainda hoje devem ser superadas: inculturação, detrimento das liturgias locais em função da liturgia latino-romana, disputas territoriais pelas congregações, identificação da causa

missionária com o nacionalismo, etc.

Importantíssimo também, foi a fundação de novas congregações, masculinas e femininas, que dedicaram uma atenção muito grande à obra missionária: Padres Negros ou do Espírito Santo, Padres Brancos, Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria-Claretianos de Santo Antônio Maria Claret, Missio-



Pio IX

Foto: arquivo

nários do Verbo Divino, Combonianos, Escalabrinianos, Xaverianos, Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora, Servas do Espírito Santo, etc.

Na época da Revolução Francesa muitos quiseram acabar com a Vida Consagrada e várias congregações foram extintas e supressas; pensavam estes que poderiam deter o sopro do Espírito Santo. Pelo contrário, as fundações do século XIX mostraram que nos momentos de crise e de perseguição, Deus age na Igreja e a conduz. Assim, além das congregações que nasceram voltadas para a atividade missionária, o florescimento da Vida Consagrada foi marcado pelo incremento das ordens e congregações antigas e pelo surgimento de outras congregações e institutos que nasceram dedicadas ao serviço dos carentes, pobres, crianças, juventude, doentes, etc.: Oblatos de Maria Imaculada, Estigmatinos, Oblatos de

Maria Virgem, Marianistas, Basilianos, Canossianos e Canossianas, Palotinos e Palotinas, Assuncionistas, Concepcionistas, Salesianos, Beneditinas da Divina Providência, Sagrada Família de Nazaré, Irmãs do Sagrado Coração do Verbo Encarnado, Salvatorianas, Sagrada Família de Nazaré, etc.

Concluindo este número, podemos afirmar que no século XIX a Igreja viveu um período de muitas transformações. Transformações que aconteceram também em todos os âmbitos da vida social e que, ainda hoje, têm reflexos no século XXI. Houve o desenvolvimento econômico e industrial que produziu as estruturas liberais e capitalistas, o desenvolvimento político com a vinda dos conceitos e práticas democráticas, o desenvolvimento cultural com o advento das idéias modernistas e o desenvolvimento eclesial com a revisão da presença eclesial no mundo e com o início da sensibilidade eclesial para com os problemas sociais. Internamente, a Igreja viveu uma fase de renovação e restauração com a redefinição de sua presença no mundo, a valorização das atividades missionárias e o florescimento da Vida Consagrada. Este processo de desenvolvimento social e eclesial não terminou no século XIX, mas continuou no século XX e isto será objeto de estudo num futuro artigo.



BIBLIOGRAFIA

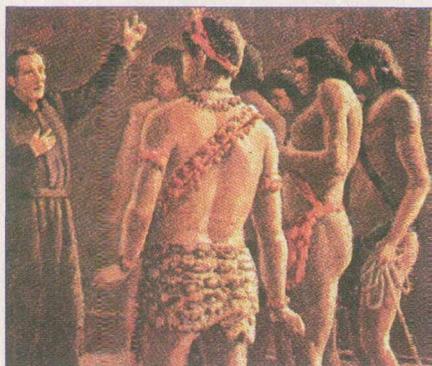
- ALVAREZ GÓMEZ J. *Manual de Historia de la Iglesia*. Madrid, Publicaciones Claretianas, 1987.
 GONZALEZ J. L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo. A Era dos Conquistadores*. Vol. VII, São Paulo, Vida Nova, 1986.
 MARTINA G. *História da Igreja de Lutero a nossos dias*. Vol. III-IV, São Paulo, Loyola, 1995.
 ALVAREZ G. J. *Historia de la Vida Religiosa*. III, Madrid, Publicaciones Claretianas, 1990.

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

19 de novembro

Roque Gonzales (Beato)

No século XVI, surgiu o Protestantismo, provocando grande crise, forjada séculos antes, com desejos e clamores por uma reforma em todos os setores da Igreja. Houve também acontecimentos positivos: a renovação eclesial promovida pelo Concílio de Trento; a reforma das ordens religiosas antigas e o surgimento de várias outras e, de modo especial, o fortalecimento da atividade missionária. Com a expansão marítima de Portugal e Espanha, em 1492, os europeus chegaram à América e iniciaram



o processo de colonização. Os portugueses, no Brasil, e os espanhóis, nos outros países da América Latina. Como católicos, em função do 'Direito de Padroado' — acordo entre os Papas que conferiam aos reis os poderes de dirigir e organizar a vida eclesial

em seus países e em suas colônias —, trouxeram o catolicismo para os países latino-americanos. Infelizmente, muitas vezes, o anúncio da fé foi feito sem se respeitar a liberdade de opção religiosa dos índios e dos negros. Além do mais, o projeto colonial, condenado por vários setores eclesiais, cometeu arbitrariedades e atrocidades: escravidão, tortura, desrespeito aos direitos humanos e milhares de mortes.

Neste contexto, nasceu Roque Gonzales. Paraguaio de família cristã de espanhóis que tinha vindo para a América em busca de riqueza. Roque, desde criança, destacou-se pelas virtudes cristãs e já se questionava sobre os males causados aos indígenas pelo sistema colonial. Foi orde-

26 de novembro

Luís Orione (Beato) – Fundador

Na última metade do século XIX, nasceu Luís Orione, um dos maiores apóstolos da caridade cristã, com o título de 'pai dos pobres, aflitos e doentes'. As teorias iluministas e liberais da Revolução Francesa geraram, na Europa e América Latina revoluções e guerras civis com objetivos econômicos e políticos visando a emancipação das classes burguesas e liberais. O século XX foi marcado pelo dinamismo econômico e industrial e pelas disputas de poder econômico e político mundial que levaram a duas grandes guerras mundiais. Neste contexto de progresso,

evolução, invenções e enriquecimentos, cresceu sempre mais a distância entre ricos e pobres, norte e sul, entre países do primeiro e terceiro mundo, tomando a vida cada vez mais descartável, com milhões de seres humanos excluídos e marginalizados. Surgiram novas idéias e valores culturais que foram, aos poucos, relativizando os valores tradicionais e provocando várias crises na estrutura social. A Igreja Católica passou por transformações e, com dificuldades, tentou conciliar sua doutrina e ação em diálogo com as novas tendências culturais e políticas, com posturas, às vezes, reacionárias, tradicionalistas e ambíguas.

Nessa época nasceu na Itália, Luís Orione, de família pobre católica. Na juventude, teve contato com São João Bosco, 'apóstolo da juventude carente'. Como sacerdote, dedicou-se ao povo de Deus, sempre com atenção especial aos mais pobres.

"Luís Orione foi um desses homens sensíveis aos sofrimentos da humanidade que se tornaram instrumentos dóceis nas mãos da Divina Providência para aliviar as misérias humanas. Assim foi São Vicente de Paulo, no século XVI, e, século passado, São José de Cottolengo e Luís Guanella. Para se dedicar totalmente aos pobres, aos trabalhadores humildes, aos doentes, aos necessitados e marginalizados pela sociedade, fundou uma congregação religiosa, a "Pequena Obra da Divina Providência". (cf. CONTI S. *O Santo do dia*, Petrópolis, Vozes, p. 475). Ao ver os sofrimentos dos órfãos da Primeira Guerra Mundial, fundou as Irmãs Missionárias da Caridade. As Irmãs Sacramentinas Cegas e os Eremitas da Divina Providência. Os Orionitas chegaram ao Brasil em 1913, com vários trabalhos voltados para os pobres, carentes, deficientes e

— e companheiros mártires (1576-1628)

nado sacerdote com 22 anos. Logo partiu em missão junto aos índios. Mais tarde voltou a Assunção, onde teve problemas com os colonizadores por sua obstinada preocupação com os indígenas. Mais tarde, entrou na Companhia de Jesus e foi enviado para trabalhar com os índios guaicurus, temidos por serem belicosos e difíceis. Ele se mostrou muito atencioso com os índios e se preocupava com todos os problemas, desde a evangelização até suas doenças e sobrevivência. Fundou várias 'reduções', locais onde os índios eram concentrados e podiam viver com mais segurança ante a ameaça de escravidão. O sucesso de Roque atraiu também o ódio e resistências de vários indígenas, de modo especial, dos pajés e

feiticeiros, que o mandaram matar junto com seus companheiros.

Atualmente, as minorias raciais no mundo são violentadas e desrespeitadas em seus direitos, principalmente os índios. Roque Gonzales é exemplo de:

- cristão que vive os valores da fé e se dedica ao reino de Deus;
- sacerdote sensível aos pequenos e marginalizados;
- religioso, que se consagra ao serviço de Deus e da Igreja, e cuja vida é um apostolado;
- evangelizador que procura sempre anunciar a mensagem de Cristo e organiza a Igreja fundando novas comunidades cristãs;
- defensor da causa indígena e de grupos minoritários.



— (1872-1940)

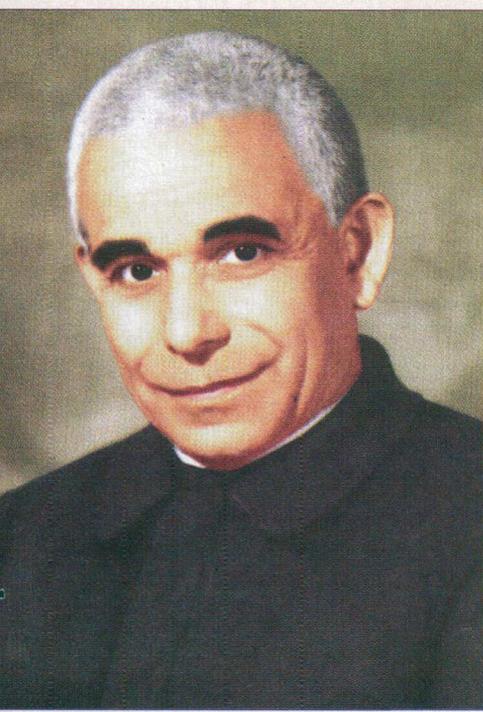


Foto: arquivo

excepcionais e são grande exemplo do trabalho voluntário e da caridade cristã. As obras de Luís Orione também são conhecidas com o nome de 'Orionópolis' ou 'Pequeno Cottolengo'.

Em nossos dias, vivemos os contrastes sociais: de um lado, o progresso técnico-científico, riquezas, crescimento econômico etc.; de outro, a pobreza e marginalização, o desemprego, a violência, a desestruturação familiar e social. Luís Orione é modelo de:

- cristão sensível aos apelos dos pobres e doentes;
- sacerdote que articula iniciativas de caridade e solidariedade;
- religioso que agrega pessoas para, em comunidade, consagrar-se a Deus no serviço aos mais pequenos; apóstolo da caridade, do amor e do compromisso com os excluídos e marginalizados.



JOVEM,

Você busca luzes para responder aos desafios da realidade do novo milênio?

Venha conhecer as

Missionárias das Fraternidades Evangelizadoras

Este Instituto serve exclusivamente à igreja particular (diocese) e vive no modo secular de Vida Consagrada.

Informações:

Estrada do Alvarenga, 5.104, Bairro 7 Praias, São Paulo — SP

Fone: (0_ _11) 5674-0862
Ir. Izabel ou Ir. Marilza.

NA PAZ DO SENHOR



Na cidade de Resende, RJ, **Miguel Atta**, aos 27 de maio de 2000, com 90 anos de idade. Foi assinante assíduo desta revista por mais de 50 anos.

Crenças que falam

Wimer Botura Jr.

Para entender melhor como as crenças penetram em nossa vida, vamos falar um pouco de comunicação. Podemos dividir a comunicação em dois canais, um verbal e outro não-verbal. É possível que as pessoas se comuniquem de forma não-verbal, sem que o verbal esteja presente, porém é impossível a comunicação verbal sem a participação da não-verbal. Embora a linguagem corporal plena seja inevitável, a leitura do componente não-verbal tem sido muito prejudicada por diversos aspectos, entre eles a negação do nosso corpo, das emoções, das características animais do ser humano e até das ditas femininas intrínsecas ao *Homo sapiens*. Na realidade, sob toda a pretensa racionalidade expressa pelo homem, sempre há um sentimento ou uma emoção. O problema é que, na maioria das vezes, o homem não tem consciência disto.

A linguagem não-verbal ou corporal passa efetivamente informações, quase sempre recebidas de forma inconsciente, constituindo aquilo que chamamos de agressões silenciosas. Na verdade, estas informações, antes de serem uma agressão ao interlocutor, são uma agressão ao emissor que, por não se sentir agredido, não tem a percepção de estar agredindo o outro.

Recentemente, uma cliente falava-me da bondade de sua mãe, uma pessoa que nunca dizia "não" aos outros. A mãe parecia ser bondosa e maravilhosa, mas a filha, contraditoriamente, tinha problemas de relacionamento com ela e se culpava por isso. De uma maneira geral, esta cliente não percebia que a bondade da

mãe implicava a sua submissão, pois ela sempre acatava as imposições da genitora, mesmo as que não lhe caíam bem. Na verdade, a submissão da mãe diante dos outros gerava uma agressão a filha, que achava inaceitáveis as atitudes maternas e acreditava não poder se defender. A mãe era tão boa com os outros como injusta com a filha que, obrigatória-



A linguagem não-verbal ou corporal passa efetivamente informações, quase sempre recebidas de forma inconsciente, constituindo aquilo que chamamos de agressões silenciosas.

Foto: arquivo

mente, tinha que se adaptar aos limites que a mãe tolerava, pela sua própria problemática de infância, totalmente descabida para a filha.

De alguma forma, esta senhora submetia-se a regras que faziam sentido só para si e acabou educando a filha para submeter-se as mesmas regras. Ela acreditava, por exemplo, que "nunca se deve dizer não aos homens" e educou a filha para a mes-

ma crença. Nisso tudo, podemos observar um grande detalhe: esta mãe viveu fatos em sua história pessoal que até justificavam a elaboração desta crença, pois, se não fizesse isto, talvez não tivesse sobrevivido. Por outro lado a realidade de sua filha era completamente diferente, ou seja, a jovem não passou pelas mesmas dores da mãe, não precisou criar defesas desse tipo.

Indo mais longe, nem mesmo a mãe precisaria mais manter a crença, pois os fatos que fizeram com que essa crença surgisse ocorreram em sua infância, muito distante de sua vida atual, onde ela já poderia dizer não a quem precisasse. Na infância talvez fosse indefesa, seu pai ou um irmão mais velho, ou um tio que morasse em sua casa poderia ser um opressor agressivo, sempre contra ela, contra sua mãe, etc. No entanto, esta senhora, por sua problemática, por acreditar que sobrevivera somente por ter sido submissa, programa a filha para o mesmo comportamento.

Assim sendo, a filha, percebendo-se frustrada em um relacionamento, numa situação social, escolar ou profissional, sentindo a necessidade de se defender, de dizer não a alguém, ou coisa assim, sentia-se aprisionada pelo que poderia decepcionar a mãe, causar-lhe labirintite, ou outra "coisite" qualquer. De alguma forma, a mãe aceitou viver dentro de uma gaiola pequena e quer que a filha aceite o mesmo tamanho de gaiola. Só que a filha é maior que a mãe e não cabe na mesma gaiola, ou mesmo tem aspirações diferentes das da mãe, e por isto não quer viver a mesma vida.



ENTRADA

Entrada fria de camarão

Ingredientes

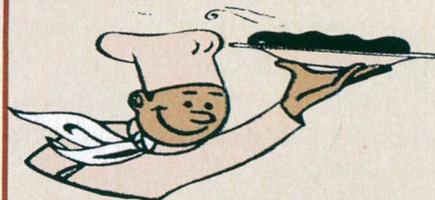
*Camarões cozidos (descascados e limpos)
picles picados
suco de limão
molho inglês
sal e pimenta
alface picada*

*ovos de codorna cozidos
azeitonas pretas*

Modo de preparar

1. Tempere os camarões com o Ketchup, os picles picados, o suco de limão, algumas gotas de molho inglês, o sal e a pimenta.
2. Arrume os camarões temperados em uma travessa e guarneça-os com o alface.
3. Decore com os ovos de codorna e as azeitonas pretas.

Lombo de panela



Ingredientes

*1 kg de lombo de porco
1 cebola média
3 dentes de alho espremidos
1 maço de cheiro verde amarrado
1 folha de louro
1 colher (sobremesa) de sal
1 colher/chá de coloral
1 colher/chá de molho de pimenta*

PRATO PRINCIPAL

*2 xícaras/chá de vinho branco seco
2 xícaras/chá de óleo.*



Modo de preparar

1. Tempere o lombo com todos os ingredientes, menos o óleo, e deixe-o repousar e tomar gosto por duas horas.
2. Reserve os temperos e coloque o lombo e o óleo na panela; esquente bem e core o lombo, virando-o para que tome cor por igual.
3. Acrescente todos os temperos reservados; tampe a panela e deixe cozinhar em fogo médio, mexendo e virando-o de vez em quando (o lombo deve ficar bem corado e o molho espesso).
4. Depois de assado, corte o lombo em fatias de 2 cm, e remonte-o na travessa, conservando-o quente.
5. Retire o excesso de gordura do molho que ficou na panela, el mine o cheiro-verde e a folha de louro, adicione 1/2 xícara/chá de água e leve ao fogo para ferver até que todos os temperos se desprendam do fundo.
6. Coloque o molho obtido "molho ferrugem" sobre o lombo ou, se preferir,coe e sirva numa molheira.
7. Guarneça o lombo com frutas em calda (pêssego, abacaxi, ameixas sem caroço). Sirva com arroz e uma boa farofa.

Torta de nozes com chantilly

Ingredientes

*300 g de açúcar
12 ovos
200g de nozes moídas, pesadas sem casca
150g de farinha de rosca
1 colher/chá de fermento em pó*

Recheio

*500 g de creme chantilly
330g de frutas cristalizadas picadinhas
(cidra, figo verde e laranja)
100 g de nozes descascadas e cortadas ao meio em quartos.*

SOBREMESA

Modo de preparar

1. Bata as claras em neve, misture as gemas e, aos poucos, o açúcar. Retire e reserve meia xícara/chá de nozes moídas. Misture o restante com a farinha de rosca e o fermento em pó.
2. Leve a massa ao forno em duas formas redondas iguais untadas com margarina e forradas com papel impermeável, deixando assar durante meia hora. Retire do forno e deixe esfriar bem. Desenforme e retire o papel. Ponha uma das tortas no prato em que vai servir a torta.
3. Retire uma xícara e meia de chá de chantilly e misture com as frutas cristalizadas, fazendo o recheio.
4. Coloque o recheio sobre a massa de torta que está no prato e cubra com a outra.
5. Espalhe chantilly sobre a torta e à sua volta.
6. Coloque o chantilly restante dentro de um funil de confeitar com o bico perlé e faça quadradinhos de dois centímetros de lado, com o desenho de zigue-zague irregular bem fino sobre a superfície da torta. Dentro de cada quadradinho coloque uma metade de noz. Passe as nozes moídas inicialmente (e reservadas) em volta da torta, com uma faca. Faça um remate simples em volta da torta, colocando quartos de nozes de 3 em 3 cm. Leve à geladeira por uma ou duas horas.



Mulheres que bebem

Sônia Mannelli

Centenas de mulheres, conhecidas como "as bebedoras do lar", vivem silenciosamente um profundo sentimento de solidão e inadequação. Em geral, começam a beber antes de preparar o jantar (ou o almoço) depois "tomam um trago" para acompanhar o jantar e por que não mais um drink antes de deitar-se? "Ah! Já me esquecendo", lembram elas, "dos comprimidos que o doutor me recomendou antes de dormir para relaxar e ter um sono conciliador". No dia seguinte, uma forte dor de cabeça as impede de levantar-se pela manhã (normalmente álcool e comprimidos juntos potencializam seus efeitos) e, portanto, lá pelas 10h30, a mulher alcoólatra levanta-se com sacrifício — e daí "por que não mais um drink?" perguntam-se. Com a progressão da doença, dia a dia, são postergados os afazeres do lar.

CAUSAS

As causas do desenvolvimento do alcoolismo feminino são várias. Entre elas, a vida moderna que aumentou o estresse emocional fez aumentar a responsabilidade da mulher, que recorre à "muleta" (álcool) para aliviar as tensões. A solicitação da casa (os filhos cresceram, foram estudar em outra cidade ou já se casaram), a depressão (o que faço agora?) ou a frustração (o que me restou?) levam a ex-dona de casa ao consumo inadequado de bebidas alcoólicas.

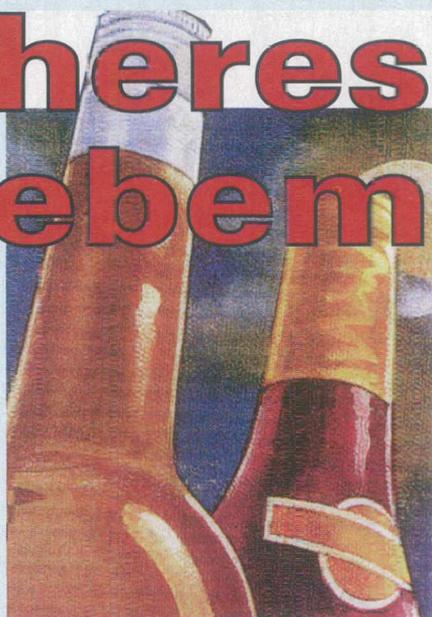


Foto: arquivo

O alcoolismo na mulher frequentemente aparece como resposta a uma crise ou tensão. Envolve diferentes aspectos de circunstâncias estressantes, tais como: divórcio, infelicidade de um namoro mal orientado, morte na família, um filho que deixou a casa, depressão pós-parto, problemas ginecológicos, dificuldades na menopausa, conflitos no papel sexual etc.

A mulher, diferentemente do homem, não bebe para ter a sensação de ser mais ágil, inteligente ou forte mas para sufocar os sentimentos.

O bar da mulher no lar são os restos de roupa, o armário de pia da cozinha, ou os "altos" dos guarda-roupas onde, não raro, esconde garrafas de martini, cachaça, vinho, etc. E quando os familiares, levados pelo desespero, impedem-na de ter dinheiro para as compras da casa, a bebedora do lar em estágios mais avançados de dependência busca alívio nas garrafas de álcool comum e até mesmo nos perfumes e desodorantes líquidos.

O preconceito de que uma mulher não deve beber tanto faz com que esta desenvolva o alcoolismo mais tarde. Contudo uma vez estabelecida a dependência, o desenvolvimento é mais rápi-

do do que no homem. Os problemas relacionados com o beber compulsivo na mulher, aparecem, geralmente, em idades mais avançadas, 35-65 anos.

Os aspectos psicológicos que afetam a mulher alcoólatra são: baixa autoestima, um conceito pobre de si mesma, sentimento de inutilidade ou futilidade. Seu estilo de vida, em geral, conflita com seu sentimento de falência.

SINTOMAS

Os sintomas iniciais de provável envolvimento com o álcool são:

- drinks escondidos;
- promessas a si mesma de que não vai beber mais "assim";
- minimização do número de drinks que de fato tomou;
- necessidade crescente de tomar os drinks em determinadas horas do dia ou da noite.
- necessidade de beber "algo" antes de alguma entrevista, se for executiva ou mulher de negócios;
- tomar drinks normalmente antes de ir a eventos (teatro, jogos, etc.);
- beber para relaxar, devido a um dia exaustivo no escritório ou pelo cansaço com os afazeres da casa;
- beber para esquecer os desapontamentos e as dificuldades.

Alguns dos demais problemas que envolvem a mulher alcoólatra são: violência doméstica; má formação do feto, se engravidar; abuso, quando alcoolizada.

A recuperação da mulher alcoólatra, depende de um tratamento global: físico, emocional e espiritual. Uma cooperação ativa da paciente, de profissionais especializados (médicos, terapeutas) e de familiares interessados, revalorizando papéis, reavaliando situações (criando um ambiente de amor), preencherão os sentimentos de vazio, solidão e os medos de outrora.

Sônia Mannelli é terapeuta, trabalha na área de dependência química. Tel. (011) 5528-1845.



Ymyrapytã: 500 anos!

Elias Leite

YMYRAPITÃ: *ybyrá:* árvore, madeira + *pytã* (pytanga): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, brasil ou braseiro.

Continuamos a série de nomes de cidades de origem tupi, iniciada na AM de janeiro, em homenagem aos assinantes, que residem nessas cidades.

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO

CIDADE	NOME EM TUPI	SIGNIFICADO	MUNICÍPIO
ITAJUBÁ (MG)	<i>itá'yuba</i>	<i>itá:</i> pedra + <i>yubá:</i> amarela: ouro, metal amarelo. Mina de ouro.	20.851 habitantes: 16.215 homens, 4.636 mulheres; da área urbana: 18.831, da área rural: 1.870 / 282 km ² .
ITAMARATI (MG)	<i>itá'mberá'ty</i>	<i>itá'mbará:</i> pedra clara, cristal + <i>t'y:</i> rio = rio dos cristais ou diamantes. T. Sampaio diz ser: <i>itá-mara-ty:</i> rio das pedras soltas.	3.495 hab.: 1.781 h., 1.714 m.; área urb.: 2.437, rur.: 1.058 / 84 km ² . Nome do palácio do governo brasileiro.
TANHANDU (MG)	<i>itá'nhandu</i>	<i>itá:</i> pedra + <i>nhandu:</i> ema (avestruz) e a aranha caranguejeira (<i>nhã-du:</i> que caminha duro). Pedra da ema, ou parecida com a ema.	12.196 hab.: 5.959 h., 6.237 m.; área urb.: 9.799, rur.: 2.397 / 794 km ² .
ITAOCARA (RJ)	<i>itá'ocara</i>	<i>itá:</i> pedra + <i>ocara:</i> o terreiro, o pátio. O terreiro de pedras da taba.	23.273 hab.: 11.578 h., 11.695 m.; área urb.: 14.837, rur.: 8.436 / 439 km ² .
ITAPETINGA	<i>itá'pe(ba)'tinga</i>	<i>itá-pe:</i> pedra plaina = laje + <i>tinga:</i> seco, enxuto. Pedras secas = local de pedras por onde atravessavam os que demandavam a cidade. São Paulo.	112.340 hab.: 56.013 h., 56.327 m.; área urb.: 99.886, rur.: 12.454 / 2.035 km ² .
ITAPEWA (SP)	<i>itá'peba</i>	<i>itá:</i> pedra + <i>peba:</i> plaina, achatada: a laje.	77.767 hab.: 38.722 h., 39.045 m.; área urb.: 58.309, rur.: 19.458 / 2.452 km ² .
ITAPEM (SP)	<i>itá'peb'y</i>	<i>itá:peba:</i> laje + <i>y:</i> rio = rio das lajes ou do lajeado.	133.523 hab.: 66.479 h., 67.044 m.; área urb.: 133.523, rur.: 9 8 km ² .
ITAPIRÁ (SP)	<i>itá'apyra</i>	<i>itá:</i> pedra + <i>apyra:</i> empinada, alta. O mesmo que Itabira.	60.791 hab.: 30.609 h., 30.182 m.; 54.898, rur.: 5.893 / 547 km ² .
ITU (SP)	<i>y'tu</i>	<i>y:</i> água + <i>tu:</i> queda = queda d'água, salto, cachoeira.	122.528 hab.: 61.545 h., 60.983 m.; área urb.: 112.006, rur.: 10.522 / 640 km ² .

OBSERVAÇÕES: Dos nomes locais de origem tupi, uns conservam a forma original, outros foram alterados na grafia; outros ainda, por formação inadequada e até fantasiosa, não correspondem à origem da língua e têm sua interpretação difícil, às vezes até impossível. Como era língua só falada, a grafia ficava por conta do ouvido de quem escrevia. Fontes: IBGE (1996), *Enc. Larousse Cultura* (1998) e *Folha de São Paulo*.

A LIBERTAÇÃO ESTÁ PRÓXIMA!

1º domingo do Advento
3 de dezembro de 2000

INTRODUÇÃO

A construção do mundo novo não ficou concluída com o nascimento de Cristo. Exige muito tempo e precisa do nosso empenho e da nossa colaboração, na paciência.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Jr 33,14-16

Como os israelitas diante das ruínas de Jerusalém, constatamos injustiças, situações intoleráveis, no mundo e em nossas cidades.

Diante de nossos olhos, encontram-se famílias destruídas, jovens desiludidos, por causa de experiências malsucedidas e por tantos outros males em nossa vida. Desencantados, como outrora os hebreus, repetimos para nós mesmos e para outros: "a situação está cada vez pior", "não votarei em mais ninguém", "para mim basta!".

Notemos, porém, que o profeta não fala que virá uma árvore frondosa, adulta, pronta, mas compara o reino do Senhor a um rebento. Ora, isso quer dizer que seu crescimento é lento e exige paciência. *Nesses dias, nesse tempo, farei nascer de Davi um rebento legítimo, que exercerá o direito e a justiça na terra* (Jr 33,15). Quem se deixa levar pelo desânimo, quem foge por ter de enfrentar problemas, quem gostaria de transformações radicais e imediatas, não entendeu nada da lógica do reino de Deus.

Os verdadeiros profetas de nossas comunidades são os arautos da esperança, que ajudam os irmãos a descobrir, em qualquer situação, principalmente na hora das dificuldades, o ca-

minho para a renovação, para a reconstrução da vida. Diferente é a visão das mesmas situações por parte dos homens, que julgam tudo estar condenado ao fracasso.

2ª leitura 1Ts 3,12-4,2

Dirigindo-se aos cristãos da comunidade de Tessalônica, São Paulo lembra que a melhor maneira de esperar a vinda do Senhor Jesus é crescer no amor recíproco. É este o caminho que conduz à santidade e nos mantém vigilantes para a vinda do Senhor. A busca da harmonia com todos os membros da comunidade, a prática do amor recíproco não podem ser substituídas por nenhuma prática de devoção, ainda que recomendável, pela qual procuramos nos preparar para o Natal.

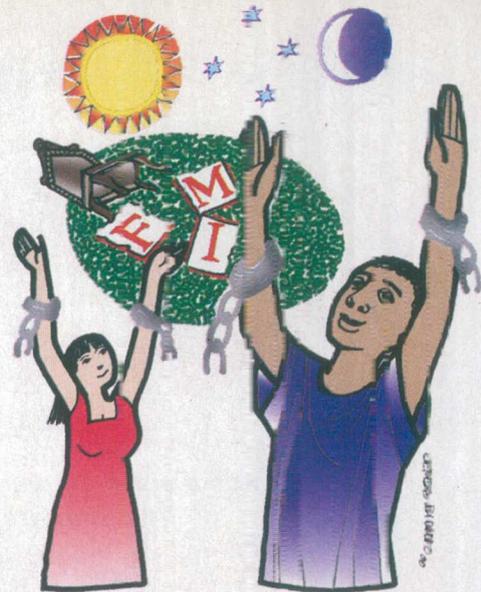
As "boas-festas", que desejaremos no final do Advento, será fórmula vazia de significado, se, antes, não convertermos nosso coração para o perdão. É preciso acabar com o diálogo interrompido com os irmãos, a exemplo de nosso Pai que nos mandou sua Palavra, Jesus, para reatar a amizade divina que tínhamos perdido.

Evangelho Lc 21,25-28,34-36

Para descrever uma grande mudança, uma transformação radical do mundo, uma intervenção decisiva de Deus, a Bíblia emprega, às vezes, imagens impressionantes.

Por exemplo, São Pedro, no dia de Pentecostes, ao discursar para uma multidão, diz: hoje cumpriu-se o que foi dito pelos profetas: *Farei aparecer em cima do céu... sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas e a lua em sangue* (At,2,19-20). Tratava-se, evidentemente, de figuras, pois, como sabemos, naquele dia nada disso aconteceu.

As imagens usadas por Jesus não se referem a explosões de astros, a choques catastróficos entre planetas,



mas fala n daquilo que acontece hoje. Em toda parte, cometem-se opressões e injustiças; espalham-se os ódios, as violências, as guerras e instalam-se condições desumanas.

Os homens definharão de medo, na expectativa dos males que devem sobrevir a toda a terra, diz o evangelho, diante dos desastres provocados com a rejeição de qualquer norma ética, com o desprezo dos valores mais sagrados, com a perda de todos os pontos de referência moral.

Quar do tudo parecer arruinar-se no pecado, virá o Filho do Homem, com grande poder e majestade, e do caos fará surgir um mundo novo.

As palavras de Jesus não são, portanto, uma ameaça de infortúnios, não querem incutir pavor: são uma mensagem de alegria. São um apelo para abrir o coração para a esperança: o mundo dominado pela injustiça, pela maldade, pelo egoísmo chegou ao fim. Um mundo novo, porém, já surgiu com Jesus de Nazaré.

REFLEXÃO

Quando desanimamos, recorre-mos à oração? Ou julgamos que podemos fazer tudo sozinhos? Estamos convencidos de que Cristo só poderá ser recebido por aqueles que cultivam o amor em relação aos irmãos da própria comunidade, da própria família? ■

JESUS TRAZ SALVAÇÃO PARA TODOS

2º domingo do Advento
10 de dezembro de 2000

INTRODUÇÃO

A salvação de Deus não nos pode atingir, se não nos prepararmos para acolhê-la. A conversão é oferecida a todos. Cabe-nos preparar o caminho do Senhor, em nosso relacionamento diário, a começar por casa!

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Br 5,1-9

No corre-corre de todos os dias, não ficamos muito atentos à conversão a Deus. Cansamo-nos com os problemas da vida. Além disso, outros desafios maiores, a fome, a ignorância, a injustiça, a corrupção esgotam nossa capacidade de nos voltarmos para Deus.

Achamos, então, que o melhor a fazer é nos fecharmos sobre nós mesmos. É conversão, sim, mas voltada para dentro de nós, que nos abafa. Quem está nessa situação tende a desanimar, achando que a realidade é irremediável, sem solução.

Bem diferente é Deus, diz o profeta Baruc: Ele próprio guia seu povo com alegria, à luz de sua glória, com a misericórdia e justiça, que dele procedem. É nessa encruzilhada, semeada de obstáculos, que está Cristo. Nosso Salvador mostra-nos o caminho seguido por ele: a estrada também difícil, que passou pelo sangue e pela cruz.

Para que essa transformação se realize, é preciso permitir a Deus que aplaine as "montanhas" e os "vales" que nos mantêm afastados dele e separados dos irmãos.

O Advento nos lembra que o Senhor

está vindo para realizar essa obra de salvação!

2ª leitura Fl 1,4-6.8-11

A conversão religiosa é proposta para todos nós, porque todos somos pecadores. Converter-se é ver a realidade com outros olhos. É saber que Jesus já nos perdoou. E que, portanto, deverá ocorrer mudança radical em nossa mentalidade e em nossas atitudes.

É esperança serena que substitui o desespero e o desassossego de quem pensava que haveria de resolver tudo sozinho. Não! Por isso, São Paulo afirma que oxalá possamos distinguir o que é mais perfeito.

O reino de Deus está, portanto, a caminho; ninguém poderá detê-lo.

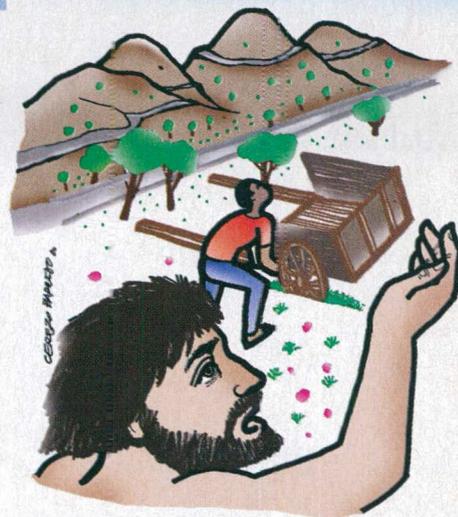
Nem sempre, porém, isso se torna claro na hora do sofrimento e da provação. Mas não podemos perder a confiança em Jesus, nosso Salvador, mas acreditar sempre nele, com o abandono e segurança de uma criança que dorme no colo dos pais. Sigamos o belo exemplo dos hebreus. Estes, antes de pedir uma graça, começam por uma bênção, na qual fazem uma lista dos motivos pelos quais precisam louvar e agradecer a Deus; só depois, expõem os seus pedidos. A carta aos Filipenses é um exemplo disso.

Evangelho Lc 3,1-6

Após trezentos anos de silêncio, Deus volta a suscitar um profeta no meio de seu povo. Ele nunca se esquece de nós. Quando lhe parece oportuno, estende-nos a mão.

Com João Batista, o Precursor, Deus vai visitar seu povo, oferecendo-lhes a conversão do coração.

Tudo começa no deserto. Lá, os israelitas tinham aprendido a desfazer-se de tudo o que era supérfluo, pois constituía um peso inútil; tinham experimentado a necessidade de ser solidários e a partilhar tudo com os irmãos.



Mas tinham aprendido, sobretudo, a confiar em Deus.

Todos nós temos nossos momentos de "deserto". Pode ser a aridez espiritual, o isolamento em que os irmãos nos deixam, ou um leito de hospital.

O Batista parece mesmo um estrangeiro em sua própria terra; é um israelita, mas o seu comportamento distingue-o nitidamente das pessoas do seu povo.

Nós também, embora residindo neste mundo, vivemos num "deserto", como se fôssemos estrangeiros. No meio daqueles que falam de guerra, de violência e de vinganças, proferimos palavras de paz e de perdão; numa sociedade, na qual são declarados felizes os que acumulam fortunas, que enriquecem (talvez oprimindo e explorando os mais fracos), anunciamos as bem-aventuranças do amor, do serviço aos pobres, da partilha dos bens. Num mundo no qual se procura o prazer, a qualquer custo, pregamos a renúncia e o dom de nós mesmos.

REFLEXÃO

Entendemos que a salvação de Deus só chega, se for preparada com nossa colaboração? Não há, por acaso, "vales" que nos separam dos irmãos e em nossas famílias? Quais são as "montanhas" que devem ser aplainadas e os "vales" que devem ser aterrados em nossa vida? ■

ALEGRAI-VOS, PORQUE O SENHOR ESTÁ PRÓXIMO!

3º domingo do Advento
17 de dezembro de 2000

INTRODUÇÃO

Neste Natal, tudo só terá sentido se, antes, compartilharmos nossos bens, não praticarmos injustiças e não oprimirmos ninguém.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Sf 3,14-18a

Quem ler Sofonias, talvez se impressione com a descrição da “ira de Deus”. Sofonias não encontra alternativas. Começa por ameaçar com catástrofes. Mas, por quê? Porque, em Jerusalém, todos estavam imersos na corrupção: a começar pelo rei, os sacerdotes, os profetas e os juízes.

De repente, muda inteiramente de tom. É neste ponto que surge a profecia de nossa leitura. Sob inspiração divina, entendeu que a “ira de Deus” não se desencadeia contra nós, pecadores, mas contra o pecado. Deus não castiga os homens. São os próprios homens que, praticando o mal, castigam-se a si mesmos e ficam reduzidos a uma condição desastrosa, da qual não conseguem mais sair e, muitas vezes, nem mesmo querem sair.

Mas o Senhor não nos abandona. Com paciência infinita, não desanima nunca, não se resigna a perder-nos. Às vezes, pensamos que, inculcando medo com doenças e com o inferno, as coisas possam melhorar. Medo salutar, porém, é somente aquele que conduz à alegria, que nasce da certeza de que o amor que Deus tem por cada um de

nós acabará sempre por prevalecer.

2ª leitura Fl 4,4-7

São Paulo teria todos os motivos para se sentir abatido, pois se encontrava na prisão, na cidade de Éfeso e, depois, em Roma. No entanto, sua Carta é notável pelas múltiplas expressões de contentamento que possui.

Por que o Apóstolo insiste tanto na alegria? O motivo não era o sucesso na sua vida, a saúde em perfeito estado, a abundância de bens materiais, nem a falta de preocupações. Não, porque Paulo e os cristãos da cidade de Filipos as tinham em tão grande número, como nós as temos hoje. Mas era a verdade de que o “Senhor está próximo”.

É essa fé que nos comunica a certeza de que tudo o que acontece está nos planos de Deus. Podemos não entender como, mas está. Essa intimidade com Deus só pode nos comunicar a paz e desenvolver em nós aquela atitude filial de quem tem certeza que Deus não falha!

Evangelho Lc 3,10-18

Vamos nos meter entre os ouvintes de João Batista que preparava o povo para a vinda de Jesus.

No meio da multidão, há um grupo que nos cobra impostos e há soldados, cujo serviço é — nos impor a ordem.

Os primeiros enriquecem facilmente. Devem apresentar a seus chefes uma determinada importância em dinheiro; o que conseguem extorquir a mais vai para o próprio bolso. A estes o Batista pede para que não abusem do próprio cargo para explorar os mais pobres e indefesos.

Achamos que isso não é para nós. Mas, quando galgamos alguma posição de prestígio, não é verdade que, só pensamos na própria vantagem, administrando o dinheiro com manobras sutis, enganando as pessoas simples, para explorá-las, e assim ir enriquecendo?



Os soldados são mal remunerados. O que fazem, então? Como andam armados, aproveitam-se disso para maltratar as pessoas, abusar das moças, extorquir dinheiro e obrigar os mais fracos a executar tarefas muito pesadas e humilhantes. A eles o Batista pede que não maltratem ninguém e que se conformem com seus salários.

Quando ocupamos um cargo qualquer, não é verdade que nos aproveitamos para nos impor aos demais, para oprimir os mais fracos? Por fim, aproximamo-nos também nós de João Batista, a fim de lhe perguntar: “E nós o que devemos fazer?” Ele responde: *Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem e quem tem o que comer faça o mesmo* (vv. 10-11). O Batista nos indica o caminho da verdadeira alegria neste Natal. Basta que preparemos a vinda do Senhor na própria vida, mediante a partilha dos nossos bens com os pobres e pela recusa a qualquer forma de violência e de opressão.

REFLEXÃO

Como está a partilha dos bens em nossa comunidade cristã? Aproveitamos o tempo do Advento ajudando a quem precisa? Visitamos algum doente? Ou limitamo-nos apenas a rezar a novena do Natal? ■

JESUS, FILHO DE MARIA

4º domingo do Advento
24 de dezembro de 2000

INTRODUÇÃO

É preciso ter coragem para acreditar que se realizarão as promessas de Deus aos construtores da paz. Maria nos ensina que vale a pena confiar sempre nas palavras do Senhor.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Mq 5,1-4a

Quando Miquéias proferiu esta profecia, com certeza pensava num rei deste mundo.

Deus, porém, realizou-a infinitamente além de qualquer expectativa humana. Setecentos anos depois, fez nascer de Maria o anunciado filho de Deus.

Na época daquele profeta, por toda a parte havia violência desenfreada. Nos tribunais, os juízes se deixavam corromper com favores. O sacerdotes só se preocupavam em enriquecer. Uma minoria de poderosos, dominada pela ganância, apoderava-se de todas as terras e explorava os pobres, empregando-os como trabalhadores braçais, temporários ou como bóias-frias mal-remunerados.

A humanidade estava à espera de um futuro de justiça e de paz. As palavras de Miquéias eram e são um convite à esperança.

Entretanto, se quisermos que essa esperança se concretize em salvação, devemos negar a nossa adesão aos caminhos dos homens e aderir à lógica de Cristo. Devemos parar de colocar a nossa esperança nos poderosos, na influência do dinheiro, no recurso à violência.

2ª leitura Hb 10,5-10

O sentido central deste trecho da Carta está nos vv. 5-7: *Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradam. Então eu disse: Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade*" (Sl 39,7ss). O autor vê na perfeição do sacrifício de Cristo, a anulação de todos os sacrifícios antigos.

Também os profetas não mostravam muita simpatia por aqueles sacrifícios. Por quê? Porque, em geral, limitavam-se a simples gestos externos, aos quais não correspondia uma autêntica conversão do coração.

Eis que venho — diz o Cristo. Nesse tempo do Advento ele vem e pede que meditemos sobre nossos cultos. Hoje, também, nossos cânticos, orações, incenso, durante as missas, podem se reduzir a simples manifestações externas. Se faltar a autêntica adesão à vontade de Deus, aquelas demonstrações de piedade ficarão desprovidas de qualquer utilidade. A validade do sacrifício de Cristo não esteve em sua morte, pois não era isso que agradava a Deus, mas na sua vontade de confirmar com a morte a aceitação completa da vontade do Pai. *Pai, ... não se faça a minha vontade, mas sim a tua!* (Lc 22,42).

Evangelho Lc 1,39-45

Lucas tinha uma intenção catequética, ao selecionar os fatos narrados em seu evangelho.

Assim, a saudação de Maria à sua prima Isabel significa que para ele aquela saudação tinha um sentido especial. Com efeito, no versículo seguinte, ele repete: tendo ouvido a saudação, João Batista estremeceu de alegria.

A saudação dos judeus era: "paz". Nos lábios de Maria a palavra "paz" era uma solene proclamação de que chegara ao mundo o esperado Messias e que com ele teria início o reino de paz anunciado pelos profetas. Todavia, não basta anun-



ciar a paz só com palavras, mas construí-la com atitudes, com nossa vida, enfim.

As palavras de Isabel dirigidas a Maria não são novas na Bíblia. Foram, antes, registradas para mulheres que sozinhas haviam aniquilado os opressores do seu povo. Aplicada a Maria essa mesma frase, Lucas quer afirmar que também ela pertence à categoria dos instrumentos fracos e simples, pelos quais Deus realiza sua obras de salvação. Maria é proclamada "bem-aventurada", porque, não obstante todas as aparências contrárias, acreditou no cumprimento das palavras do Senhor. Quantas promessas fez Deus pelos lábios dos profetas! Quando, porém, estas demoraram para se realizar, os homens duvidaram da fidelidade do Senhor. Preferiram confiar em si mesmos, nas próprias idéias e projetos, e acabaram por fracassar.

A fé autêntica, como a de Maria, não precisa de demonstrações, mas se funda na acolhida da Palavra e se manifesta na adesão sem condições a essa mesma Palavra.

REFLEXÃO

Nossas famílias e comunidades cristãs constituem sinal de que surgiu no mundo uma sociedade nova e alternativa de pessoas que não aceitam a opressão e o domínio sobre os outros? Acreditam na força do perdão, na não-violência, na partilha dos bens? ■

A PALAVRA SE FEZ CARNE

Natal de nosso Senhor Jesus Cristo
25 de dezembro de 2000

INTRODUÇÃO

Deus nos criou, de modo admirável, e, mais maravilhosamente ainda, restabeleceu nossa dignidade. Que nós possamos participar da divindade do Deus-Menino, já que ele se dignou assumir a nossa humanidade.

LEITURAS BÍBLICAS DA 3ª MISSA

1ª leitura Is 52, 7-10

Para entendermos melhor a alegria de Isaías, é necessário analisar as circunstâncias em que ele vivia.

Os hebreus eram, há muitos anos, escravos na Babilônia, longe, portanto, de sua pátria. A pergunta que todos se faziam era se o Senhor continuaria sempre indignado com seu povo ou se o libertaria da escravidão.

O profeta imaginou, certo dia, encontrar-se no alto da montanha sobre a qual estava construída a Jerusalém, tão distante. Daquele ponto, em sua visão, contemplou um numeroso grupo de exilados se aproximando. Estavam voltando da Babilônia. A escravidão chegara ao fim, os sofrimentos e as humilhações tinham terminado, os chefes e os reis corruptos, os maus pastores que tinham explorado e oprimido o povo, haviam desaparecido para sempre. Começava nova era, em que o Senhor guiaria pessoalmente seu povo.

Anos depois, quando, de fato, os judeus tinham voltado para sua terra, nada disso se viu. O povo começou a entender, então, que a libertação da escravidão da Babilônia era somente uma

figura de outra mais plena que Deus realizaria no futuro. Vivemos, hoje, essa alegria universal e incontrolável, porque a profecia de Isaías já se realizou. O Messias já veio.

Mas também hoje não vemos senão uma realização imperfeita da libertação prometida. Há alguns sinais de salvação, apenas. Somos tentados a desanimar diante da enxurrada de injustiças, opressões e corrupção. Estejamos certos, porém, de que o reino de Deus está no meio de nós, em nós.

2ª leitura Hb 1,1-6

O Natal de Jesus Cristo é a maior revelação que Deus-Pai nos fez de sua pessoa.

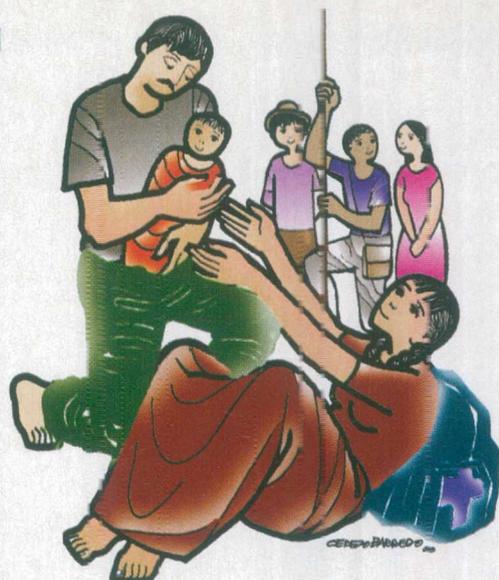
Considerado em si mesmo, Jesus é a irradiação da glória e a imagem da substância do Pai. Nesse sentido, o Mestre dissera ao apóstolo Filipe: *Aquele que me viu, viu também o Pai. ...estou no Pai, e o Pai está em mim* (Jo 14,9.11). Por isso, com o Pai, Jesus, o Messias, é criador e conservador do universo. Em relação à obra realizada na terra, é aquele que expiou o pecado e, exaltado acima de todas as coisas, tornou-se herdeiro de tudo. Já o povo hebreu teve o privilégio de ouvir a voz do Senhor de maneira mais clara: por meio dos profetas. Agora, Deus nos enviou o seu próprio Filho. Sua Palavra. Jesus é a revelação mais sublime do Pai.

Por isso, no batismo do Batista, diz: *És meu Filho amado* (Mc 1,11). E, de novo, na Transfiguração: *Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o* (Mc 9,7).

Evangelho Jo 1,1-18

A mensagem da 2ª leitura é repetida aqui por João. Jesus era preexistente em Deus e participante da obra criadora. Veio à terra para cumprir a tarefa que lhe fora confiada pelo Pai. Revela-o aos homens e volta ao Pai, após cumprida sua missão.

A novidade da revelação do Novo



Testamento está no fato de que a Sabedoria, a Palavra, é Deus e é pessoa distinta do Pai. Para conhecer o Pai, portanto, não devemos cair para raciocínios teóricos a respeito de Deus.

É suficiente contemplar Cristo, observar o que ele faz, o que diz, o que ensina, como se comporta, como ama, a quem prefere, com quem anda, com quem toma o alimento a quem escolhe, a quem recrimina a quem defende! Por quê? Porque é assim que o Pai procede!

Para nos tirar do desânimo a que, às vezes, somos tentados a nos entregar, o evangelista São João acrescenta que Jesus veio como luz (que não se apaga) no meio das trevas. Estas são chamadas de pecado, egoísmo, exploração, opressão, etc.

Lutar, incessantemente contra essa escuridão é imitar a Cristo. Ele já nos garantiu a vitória por sua páscoa. Haveis de ter aflições. Coragem! Eu venci o mundo (cf. Jo, 13,33).

REFLEXÃO

Qual é a novidade do Natal para nós? Rezamos, com frequência, pela Bíblia? Procuramos entender, por meio de sua meditação, quem é Jesus?

Estamos convencidos de que é preciso lutar contra as trevas, sem desânimo? Acreditamos que essa obra é de Deus e não nossa? ■

FAMÍLIA FUNDADA NO AMOR

Sagrada Família, Jesus, Maria e José
31 de dezembro de 2000

INTRODUÇÃO

Os filhos devem zelar só pelos interesses dos pais ou devem também abrir o próprio coração e dedicar-se ao serviço dos outros? Jesus nos ensina que, para seguir a vontade do Pai, o homem deve ter também a força de se afastar da própria família.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Eclo 3,3-7.14-17a

No tempo de Jesus, o livro do Eclesiástico era usado pelos mestres das escolas para educar os alunos.

A leitura de hoje poderia ser resumida em os filhos *honrarem* os pais.

Tal termo pode ter vários significados. Pode significar que os pais se sintam honrados com a vida dos filhos. Pode querer dizer também que os filhos devem ajudar economicamente os pais e apoiá-los, quando estiverem necessitados. Um terceiro sentido seria ter importância. E aí, tanto vale para os filhos: “damos importância às palavras, aos desejos, ao carinho, à vida de nossos pais?”. Quanto para os pais: “nossos conselhos e comportamento merecem consideração de nosso filho?”.

Sempre o amor deve vencer, sem condições preestabelecidas e ser gratuito. Não se ama um filho, ou um pai, porque é bom, mas amando-o é que o ajudamos a tornar-se bom. Amá-lo, porém, não significa aceitar que faça tudo o que quiser, mas compreendê-lo e ajudá-lo a ser feliz. No caso dos filhos, às vezes, os pais deverão abrir mão de suas opiniões e buscar sua felicidade e não a própria.

Quanto aos defeitos dos filhos, os pais nunca desanimam e sempre esperam que se possam corrigir. O que é, sem dúvida, centelha do amor de Deus que, incansavelmente, busca nossa conversão.

2ª leitura Cl 3,12-21

É evidente que, diante de hábitos que não se conseguem mudar, não resta outro caminho senão a paciência.

E é isto que Paulo recomenda às famílias e às comunidades: *... revesti-vos de entranhada misericórdia, de bondade, humildade, doçura e paciência*. Ora, a paciência vem direta do amor. *Mas, acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição* — continua o Apóstolo.

Mostrando-se, porém, bastante conhecedor do que se passa em nossos lares, fornece a chave, que é o amor:

Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós (Cl 3,12-14).

Na parte central da leitura (vv. 16-17), são indicados alguns meios indispensáveis para se conseguir o entendimento entre todos os membros da família: a oração em comum, o diálogo e as exortações recíprocas.

Os últimos versículos contêm algumas recomendações condensadas: obedeçam os filhos aos pais, mas estes não exasperem os filhos com a atitudes egoístas, exaltadas, irritantes.

Evangelho Lc 2,41-52

O momento em que o caminho dos filhos se separa do de seus pais é um dos mais importantes e decisivos na história da família.

Depois do encontro no Templo, Maria e José se calam, não apresentando objeções sobre a escolha de Jesus. Percebem que é uma decisão que parece excluí-los da vida de seu único



filho, uma opção semeada de lágrimas e sangue, mas a aceitam, porque entendem ser isso a vontade de Deus. Evidentemente, os problemas de hoje são outros. Mas vale a lição, que aplicaremos às nossas situações.

Os filhos crescem e se tornam adultos no âmbito de suas famílias: é assim que Deus estabeleceu. Os pais estão encarregados de introduzi-los progressivamente na plenitude da vida.

Num certo momento, porém, deve acontecer a separação, pois os filhos não pertencem aos pais ou à família; são cidadãos do mundo, são irmãos de todos os homens. Mas, erradamente, às vezes, ensina-se-lhes, desde a infância, a limitarem seus interesses à família e aos amigos.

Seguir a vontade do Pai para uma vida nova significa superar qualquer forma de estreiteza e mesquinhez, significa ir além dos limitados horizontes da própria família, da própria cidade, da própria nação, da própria raça e abrir o próprio coração ao amor universal.

REFLEXÃO

Diante de acontecimentos incompreensíveis, em nossa família, no mundo, tal qual Maria, guardamos todas as coisas no nosso coração? Procuramos a Bíblia, para meditá-los à luz da palavra de Deus? Os pais respeitar as decisões adultas de seus filhos, como expressão do plano de Deus? ■



Leituras litúrgicas das Missas - dezembro



34ª SEMANA DO TEMPO COMUM

1º - sexta: Ap 20,1-4.11—21,2 = Sorte do dragão; julgamento geral. Sl 83. Lc 21,29-33 = Sinais da primavera do Reino: estai de sobreaviso!

2 - sábado: Ap 22,1-7 = A vida no céu, na visão eterna de Deus. Sl 94. Lc 21,34-36 = Para que o grande dia não vos apanhe de improviso, vigiai!

14 - quinta: Is 41,13-20 = Venho em teu auxílio. Sl 144. Mt 11,11-15 = O precursor é o novo profeta Elias.

15 - sexta: Is 48,17-19 = Ouvir e obedecer a Deus traz a felicidade. Sl 1. Mt 11,16-19 = Descaso pela palavra de Deus.

16 - sábado: Eclo 48,1-4.9-11 = O profeta Elias voltará. Sl 79. Mt 17,10-13 = O profeta Elias já chegou.



1ª SEMANA DO TEMPO DO ADVENTO

4 - segunda: Is 2,1-5 = A paz messiânica: Caminhemos à luz do Senhor. Sl 121. Mt 8,5-11 = Os pagãos, estrangeiros, entrarão no Reino!

5 - terça: Is 11,1-10 = O Reino pacífico do Messias: sobre ele repousará o Espírito do Senhor. Sl 71. Lc 10,21-24 = A boa nova revelada aos pequenos, aos humildes.

6 - quarta: Is 25,6-10a = Banquete ou festim messiânico: O Senhor banirá a morte e o sofrimento. Sl 22. Mt 15,29-37 = Jesus cura e alimenta o povo.

7 - quinta: Is 26,1-6 = Cântico do povo libertado, povo justo e confiante em Deus. Sl 117. Mt 7,21.24-27 = Fazer a vontade do Pai celeste.

8 - sexta: *Imaculada Conceição de Nossa Senhora.* Gn 3,9-15.20 = A descendência da mulher vencerá o mal. Sl 97. Ef 1,3-6.11-12 = Deus nos escolheu para sermos adotados como filhos, por Jesus Cristo. Lc 1,26-38 = Anunciação do nascimento de Jesus.

9 - sábado: Is 30,19-21.23-26 = Ao teu pedido, o Senhor terá piedade. Sl 146. Mt 9,35—10,1.6-8 = Jesus sente dó do rebanho, do povo que sofre.



3ª SEMANA DO TEMPO DO ADVENTO

18 - segunda: Jr 23,5-8 = De Davi, surgirá o Salvador. Sl 71. Mt 1,18-24 = Jesus nascerá na descendência de Davi.

19 - terça: Jz 13,2-7.24-25e = Um anjo anuncia o nascimento de Sansão. Sl 70. Lc 1,5-25 = O anjo Gabriel anuncia o nascimento de João Batista.

20 - quarta: Is 7,10-14 = Profecia do Deus conosco — Emanuel. Sl 23. Lc 1,26-38 = O Messias será filho de Maria.

21 - quinta: Ct 2,8-14 = O Bem-amado aí vem, sobre as colinas. Sl 32. Lc 1,39-45 = Maria visita Isabel.

22 - sexta: 1Sm 1,24-28 = Ana agradece a Deus pelo nascimento de Samuel. Cânt.: 1Sm2,1.4-5.6-7. Lc 1,46-56 = Maria glorifica ao Senhor, no "magnificat".

23 - sábado: Ml 3,1-4.23-24 = Elias preparará a vinda do Senhor. Sl 24. Lc 1,57-66 = Nascimento de João Batista.



TEMPO DE NATAL

25 - segunda: *Natal de nosso Senhor Jesus Cristo.* Is 52,7-10 = A boa nova: todos verão a salvação. Sl 97. Hb 1,1-6 = Deus nos falou por meio do seu Filho. Jo 1,1-18 = O verbo se fez carne e habitou entre nós!

26 - terça: *Sto. Estêvão Diácono, Protomártir.* At 6,8-10; 7,54-59 = Prisão e martírio de Estêvão. Sl 30. Mt 10,17-22 = Nos tribunais o Espírito vos inspirará.

27 - quarta: *São João, Apóstolo e Evangelista.* 1Jo 1,1-4 = Testemunha ocular do Verbo. Sl 96. Jo 20,2-8 = João no santo sepulcro.

28 - quinta: *Santos Inocentes Mártires.* 1Jo 1,5 — 2,2 = O sangue de Jesus nos purifica. Sl 123. Mt 2,13-18 = Massacre das criancinhas de Belém.

29 - sexta: 1Jo 2,3-11 = Quem ama a seu irmão está na luz. Sl 95,1-6. Lc 2,22-35 = Jesus, luz para as nações.

30 - sábado: 1Jo 2,12-17 = Amar ao Pai, não ao mundo. Sl 95,7-10. Lc 2,36-40 = A profetisa Ana fala de Jesus.



2ª SEMANA DO TEMPO DO ADVENTO

11 - segunda: Is 35,1-10 = Deus vem trazer alegria ao seu povo. Sl 84. Lc 5,17-26 = Jesus cura e perdoa um paralítico.

12 - terça: *Nossa Senhora de Guadalupe.* Gl 4,4-7 = Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher. Sl 112. Lc 1,39-48 = Maria visita Isabel.

13 - quarta: Is 40,25-31 = O Todo-poderoso dá vigor aos fracos. Sl 102. Mt 11,28-30 = Vinde a mim, vós que estais cansados e sobrecarregados.

Natal

Silêncio na noite.
Silêncio nos elementos.
Silêncio em Maria e José.

“E a Palavra (Verbo) se fez carne e habitou entre nós...” (João 1,14)

Vamos recolher-nos uns instantes neste Natal para que no silêncio da nossa mente e do nosso co-

ração sintamos realmente a chegada de Jesus. Encontre as palavras pedidas nas citações, transporte as letras para o número correspondente no diagrama e faça alguma coisa diferente neste Natal.

_____ (Jo 1,5) brilha.
10 100 68 92 29 3 48 35 95 40 101

_____ (Jo 1,9) real; autêntica.
30 20 73 5 82 15 104 50 96 47

_____ (Lc 1,52) que detem o poder.
31 34 94 25 86 6 74 41 102

_____ L 2,21) dado o nome.
109 54 36 8 84 66 28

_____ (Jo 1,9) irradia luz.
42 19 2 62 31 21 57

_____ (Jo 1,13) desejo.
27 48 4 33 80 100 69

_____ (Lc 12,35) ardendo.
44 53 46 37 87 79

_____ (Lc 1,79) caminhada.
9 99 39 45 61 112

_____ (Lc 1,53) encheu.
108 59 22 64 89 7

_____ (Lc 1,56) retornou.
76 91 83 51 16 111

_____ (Lc 2,18) e totalidade.
88 107 90 65 78

_____ (Jo 1,18) só aquele.
70 14 23 103 77

_____ (Lc. 1,69) família; dinastia.
71 38 17 60

_____ (Mt. 3,11b) chamas.
12 97 56 75

_____ (Lc 1,1) o Senhor.
136 63 13 98

_____ (Mc 1,1) novidade
26 93 58 32

_____ (Jo 1,11) chegou
85 67 18 24

_____ (Jo 1,9) a qual
1 72 52

_____ (Jc 1,11) dele
43 55 105

_____ (Jo 1,18) art. def. masc. singular
11



“... _____
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32
_____ O _____
33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65

66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99
_____” (Sab 18 14-15)
100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112

Turma da Maira

NOOSSAI QUE LUGAR LIINDO! QUANTA FLORI!
QUANTA ÁRVORE! QUANTO URSO!



URSO?
AAAH!

ESPERE! NÃO SOU UM URSO!
SOU UM ANIMAL EM EXTINÇÃO, GODI!
GODI BONZINHO!



MEU NOME É KACILDAI!
COMO É QUE VOCÊ
APRENDEU A FALAR?

AMIGUINHOS ENSINARAM:
REPARTIRAM SABEDORIA
COM GODI!



E SABEDORIA
SE REPARTE?

SIM! MUITA COISA SE REPARTE:
SABEDORIA, ALEGRIA, ALIMENTO,
AMOR, RO-L-PAS, FASSEIO...



COMO SE DIVIDE AMOR?

SABENDO COMPARTILHAR
O AMOR DA MAMÃE COM OS
IRMÃOS, SEM CIÚMES, POR
EXEMPLO...

E ALEGRIA?



AH...LEVANDO UM SORRISO E CONFORTO A
QUEM ESTÁ TRISTE OU SOZINHO...



E NO CASO DA SABEDORIA, ENSI-
NANDO QUEM NÃO SABE, EM VEZ
DE DESPREZÁ-LO...

AHI VOCÊ DEVE SER UM AMIGO MUITO LEGAL, GODI!
EU TROUXE BOLO
E PÃO: VAMOS REPARTIR?

BOLO É BOM PRA REPARTIR!



Jina Glória



Conto da Vó Bizoquinha

Olá, netinhos! Muito obrigada pelas cartinhas e histórias maravilhosas! Hoje a história é da querida leitora Crenilda O. G. de Paiva, de Virgínia-MG.

O acendedor de lampiões

Existiu, até pouco tempo, um emprego, hoje desaparecido. Um homem saía acendendo os lampiões da rua, à noitinha. Era uma festa ver aquelas luzes à noite. Eu conheço, Senhor, homens que são acendedores de lampiões. Onde passam, deixam acender a luz, o sorriso, a felicidade. "Bom dia: como vai? E o papai? E sua mamãe? Bem dia, gostei do que fez, meus parabéns, foi bom, muito bem. Você é uma jóia". Saber acender a vida. Elogiar, estimular. Quem é feliz espalha alegria e felicidade.

Angélica estava triste, naquele dia. Na rua, indo para o serviço, encontrou-se com Júlio, seu colega. Um "oi" bastou para deixá-la totalmente "restabelecida". Incrível o poder da simpatia!

Há também o apagador de lampiões. Onde passa, espalha a fofoca, o desânimo, a desgraça a notícia triste. Não tem luz e não quer ver ninguém brilhar. Chato, não? Senhor, eu quero ser acendedor de lampiões.

Crenilda O. G. Paiva

Cartinhas

A Priscila Sarmiento fez este desenho especialmente para a sua amiga Érica Inoue!

Minha Cidade

Amparo localiza-se no interior de São Paulo. É conhecida como "Flor da Montanha". Rodeada de belas montanhas e árvores frondosas, é cidade turística, vizinha da famosa Serra Negra.

Em Amparo, temos a catedral de Nossa Senhora do Amparo e o bispo se chama Francisco José Zugliani; o padre da Paróquia, que eu e meus pais frequentamos, chama-se padre Milton. A paróquia chama-se São João Batista.



Padre Milton acolhe os fiéis com muito amor e carinho.

O povo amparense é muito hospitaleiro e acolhedor. Esta é uma das tantas bênçãos que o Senhor Jesus Cristo concedeu aos nossos cidadãos. Venha conhecer Amparo você também!

Por Máira de Oliveira 9 anos Rua Eugênio Dorigan, 115 Jd. Silmara - CEP 13900-000 Amparo - SP



Cantinho do Coração

Gostaria de me corresponder com todos os leitores a fim de conquistar novas amizades em Cristo. Sou jovem carismática e secretária da equipe de liturgia da Paróquia Menino Jesus de Praga da cidade de Brazilândia. Terho 23 anos, sou comunicativa e apaixonada por Jesus. Gosto de escrever e ler.

Bárbara Maria S. dos Santos
Quadra 08 casa 03 - Setor Norte
CEP 72:10-080 - Brazilândia - Brasília - DF

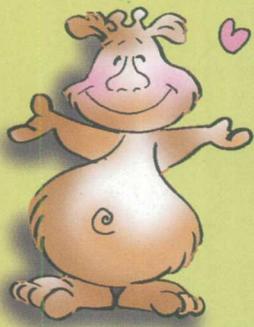
Chamo todos vocês a participarem do clube que estou montando. Para participar, basta mandar cartas! Responderei a todas.

Juliana Maria Silva Ribeiro
Rua Perimetral 180, bloco 12
apto 102 - Belo Horizonte
MG Calafate
CEP 30410-650

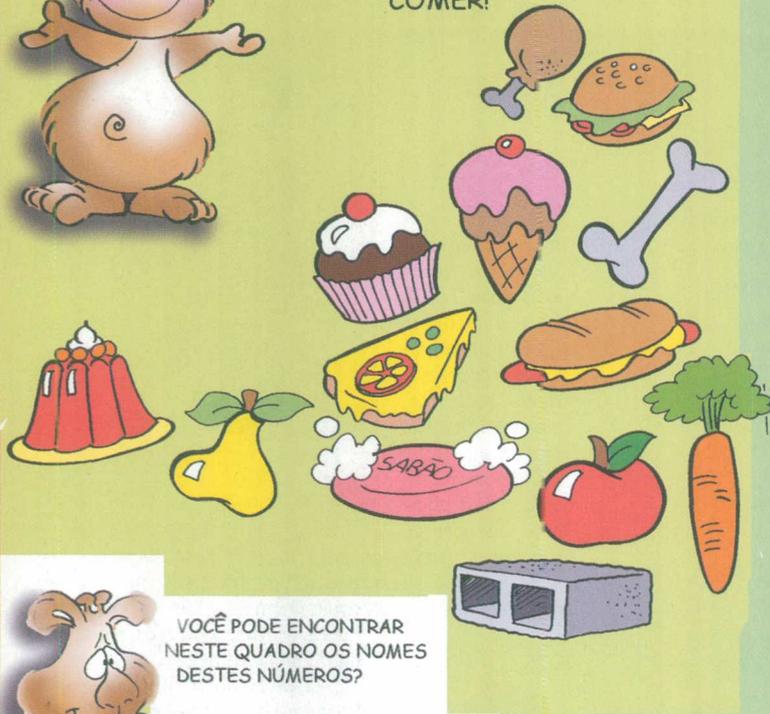
" Seja onde for, esteja onde estiver, você terá oportunidade de estender a mão para ajudar alguém. Haverá sempre alguém pelas esquinas da vida à espera de um favor seu. Todo ato de bondade feito com verdadeiro sentido de amor, tem valor quase infinito!

Ana Paula Raymundo - 12 anos

Rua José Sagliete 80 Cohab II - São Manuel - SP - CEP 18650-000



CIRCULE ABAIXO SÓ O QUE É NATURAL, PARA O GODI COMER!

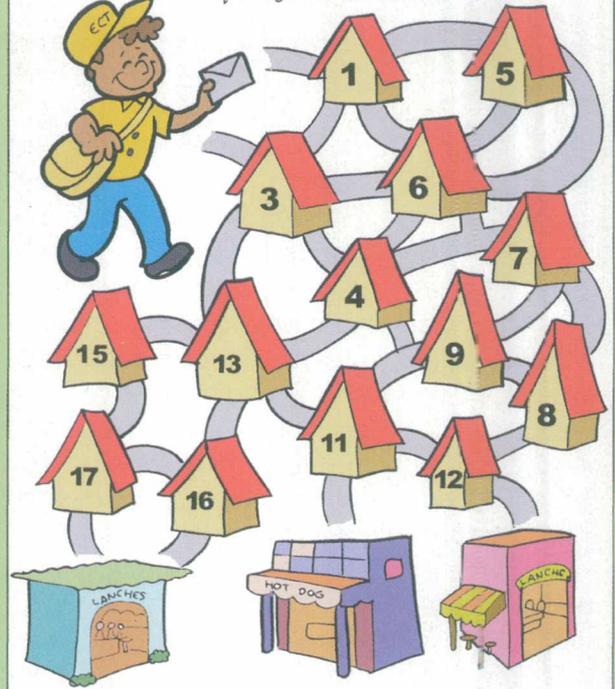


VOCÊ PODE ENCONTRAR NESTE QUADRO OS NOMES DESTES NÚMEROS?

9 3 16 20
5 13 15

B	C	G	A	H	I	M	J	K	O	P
D	T	O	U	M	T	R	E	S	Q	U
E	A	C	M	H	O	R	E	B	A	Q
Z	G	O	L	C	U	N	O	P	B	U
E	U	V	K	N	U	X	Z	Q	R	I
S	T	E	M	O	S	T	A	U	V	N
S	B	X	A	V	O	B	S	K	N	Z
E	D	E	J	E	M	A	B	U	I	E
I	H	S	A	X	F	B	J	N	P	A
S	V	B	E	G	V	I	N	T	E	T
M	U	C	E	Z	E	R	T	R	S	C
B	X	A	U	N	K	O	S	I	T	O
P	O	C	N	I	C	I	C	G	K	U

Vicente, o carteiro, tem algumas cartas para entregar só nas casas de números ímpares, e depois, tomar um lanche. Seguindo com o lápis seu caminho, descubra em que lugar ele vai comer.



ENCONTRE SETE ERROS ENTRE ESTAS CENAS ESCANDALOSAS DA KACILDA E O BODE JUVENTINO



KACILDA



Só c amor constrói!



FACILITE SUA VIDA, ENCOMENDE JÁ SEUS CARTÕES DE NATAL



Nº 7/6



Nº 10



Nº 39



Nº 94



Nº 114



Nº 115



Nº 117



Nº 119



Nº 120



Nº 125



Nº 131



Nº 132



Nº 133



Nº 134



Nº 135



Nº 136



Nº 137



Nº 138



Nº 139



Nº 140

Ao adquirir os cartões de Natal, estará ajudando as vocações sacerdotais nos seminários.

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 1205 — CEP 01059-970 — São Paulo, SP

Cartão Quantidade

Nº 7/6 cartões
Nº 10 cartões
Nº 39 cartões
Nº 94 cartões
Nº 114 cartões
Nº 115 cartões
Nº 117 cartões
Nº 119 cartões
Nº 120 cartões
Nº 125 cartões
Nº 131 cartões
Nº 132 cartões
Nº 133 cartões
Nº 134 cartões
Nº 135 cartões
Nº 136 cartões
Nº 137 cartões
Nº 138 cartões
Nº 139 cartões
Nº 140 cartões
TOTA_ cartões

Quanto mais cartões você comprar, tanto mais barato sairá cada um. Veja tabela abaixo: os preços referem-se a qualquer um dos cartões, sem envelope.

10 cartões	R\$ 3,50	50 cartões	R\$ 13,50
20 cartões	R\$ 6,60	100 cartões	R\$ 25,00
30 cartões	R\$ 9,30	200 cartões	R\$ 40,00
40 cartões	R\$ 11,60	300 cartões	R\$ 51,00

Nestes valores, não estão incluídos os gastos com o correio.

Preencha corretamente os seus dados nas linhas pontilhadas.

Nome

Endereço

Cidade Estado

CEP Tel. ()

Assinatura

Campanha Evangelizar com Maria

Ganhe prêmios!

1º UMA VIAGEM À TERRA SANTA

2º UM TV 20' COM CONTROLE REMOTO

3º UM VÍDEO CASSETE

Assim, além de difundir uma boa leitura, promovendo a formação humana e cristã, você estará concorrendo a esses prêmios incríveis!

Apresente 5 (cinco) novos assinantes e receba um cupom para concorrer aos prêmios.
(veja instruções no rodapé deste impresso)

Eu,

Meu endereço:

Nº CEP -

Cidade: Estado: Tel.: ()

Quero receber o cupom em meu endereço. Para isso, apresento os seguintes assinantes relacionados abaixo:

Nome:

Endereço:

Nº CEP - Tel.: ()

Cidade: Estado: R\$ 20,00 anual

Nome:

Endereço:

Nº CEP - Tel.: ()

Cidade: Estado: R\$ 20,00 anual

Nome:

Endereço:

Nº CEP - Tel.: ()

Cidade: Estado: R\$ 20,00 anual

Nome:

Endereço:

Nº CEP - Tel.: ()

Cidade: Estado: R\$ 20,00 anual

Nome:

Endereço:

Nº CEP - Tel.: ()

Cidade: Estado: R\$ 20,00 anual

Importante: Não envie dinheiro - coloque este formulário com o nome e endereço dos cinco assinantes em um envelope, juntamente com o comprovante de depósito bancário (ou Vale Postal, que pode ser efetuado em qualquer agência dos Correios) e envie à nossa Central de Assinaturas:

Rua Martim Francisco, 636 - São Paulo - SP - CEP 01226-000.

Dados para depósito: Revista Ave Maria - Banco Bradesco - Agência 2621-2 - Conta Nº 368-9

Caso tenha alguma dúvida entre em contato conosco: 0800-555-021 (ligação gratuita)

Caso não queira cortar a capa, envie-nos uma cópia desta folha!

Esta promoção é válida até 28 de fevereiro de 2001

MARIA

REVISTA MENSAL - FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 636 TELS. (011) 3666-2128 / 3666-2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP